ANO 2.º LISBOA--SEGUNDA-FEIRA, 18 DE SETEMBRO DE 1922 N.º 446

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUIZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

RECEBEMOS a seguinte carta que, embora se não ocupe da crise das subsistencias, versa um assunto que não deixa de ter a sua importancia para a crise das consciencias:

Sr. director.—Fui no sabado a um teatro, depois de haver passado uma temporada na provincia, nas margens do Tejo. Queria refrescar-me com a arte, que é duma primavera eterna.

Não lhe direi a que teatro fui, porque não desejo ferir ou irritar interesses nem vaidades. O espectaculo oferecido á minha curiosidade e á de duas senhoras da minha familia excede tudo que o ignobil, de braço dado com o grotesco, inventou.

A indecencia chega a ter o cheiro nauseabundo dos esgotos.

Não ha graça nem chalaça, nem espirito nem malignidade ironica: é a bocarra putrida dum mascarão da qual escorre tudo o que se acumula num tanque que reune e acumula aguas de muitos enxurros.

Algumas mulheres bonitas que saltitavam no palco, cantando e dansando, fizeram-me pena, pelo trirte destino dos seus peregrinos dotes.

Um ou outro actor, em que facilmente se adivinha talento, tambem nos inspiraram dó, pensando que eles dariam outro relevo ao seu trabalho, se porventura encontrassem uma peça das que honram o engenho e a arte.

O publico—uma grossa turba de barbaros, oriundos das hortaliças da Praça da Figueira — ria como um perdido. Todas as referencias porcas a actos duma bestialidade soez o desopilavam.

Este contentamento exasperou-me.

Não compreendo como é que alguem cede o seu dinheiro, para ir a um teatro adquirir a convicção de que, nem divertindo-se, consegue ser superior á moral dos seus negocios.

De v. etc.

José Aborrecido

* * *

HA trez dias um jornal—*A Patria*, se não estamos em erro—constatava que, com o encerramento dos trabalhos parlamentares, o boato, já sem atmosfera, declinava.

Oxalá que assim fôra!

Ontem á noite, por exemplo, ele batia as azas muito livremente pelos cafés da Baixa, chegando até os teatros.

Que trazia no bico?

Muitas coisas, graves coisas. Cremos que o Ministerio do Interior as não ignora, tanto mais que os seus informadores as ouviram muito á sua vontade. Vimos um que se fartou de rir.

Este, pelo menos, não perde o seu tempo a caçar morcegos. Farto anda ele, com certeza, de historias que só parecem pavorosas aos inexperientes...

* * *

NORBERTO Lopes publica na terceira página do *Diario de Lisboa*, uma cronica em que se descreve, com tintas frescas, a chegada dos aviadores ao Rio de Janeiro. Por ela, os nossos leitores formarão idéa do que foi, aproximadamente, o desembarque do Chefe do Estado.

* * *

PELO ministerio do Trabalho foi nomeado o dr. Fausto Lopo Patricio de Carvalho para, na sua qualidade de medico especializado em doenças pulmonares, fazer parte da Comissão Permanente de Profilaxia da Tuberculose.

NO BRASIL

O sr. Presidente da Republica encontra-se, desde ontem, no Rio de Janeiro, onde o acolheram manifestações de tão nobre simpatia que o nome português se enche de honra e gloria.

Dois povos irmãos, que o Atlantico separa, vivem nesta hora as emoções mais altas do seu orgulho, porque num afectuoso abraço reconhecem que o seu sangue, o seu coração e o seu espirito, até na independencia dos seus destinos, têm o mesmo calor e a mesma aspiração de familia.

A viagem do *Porto*, iniciada com os contratempos que todos sabemos, não obstante os desejos e porventura os esforços dos que quizeram contraminá-la, deixou de ser uma duvida para os que acima de tudo, sem odios nem paixões, amam Portugal.

Converte-se num clamoroso triunfo que o sr. Antonio José d'Almeida, apezar dos rigores do protocolo, saberá elevar á plena consagração das turbas, logo que a sua palavra, sincera e ardente, possa fazer-se ouvir com todo o brilho da eloquencia que costuma animá-la.

Os brasileiros têm o culto da franqueza, a alma á flôr dos labios. Detestam os pensamentos que se encobrem, os gestos que se desviam das suas relações naturais com os afectos espontaneos. A melhor recomendação para eles é a acção de presença. Depois desta, o verbo fulgurante dos oradores.

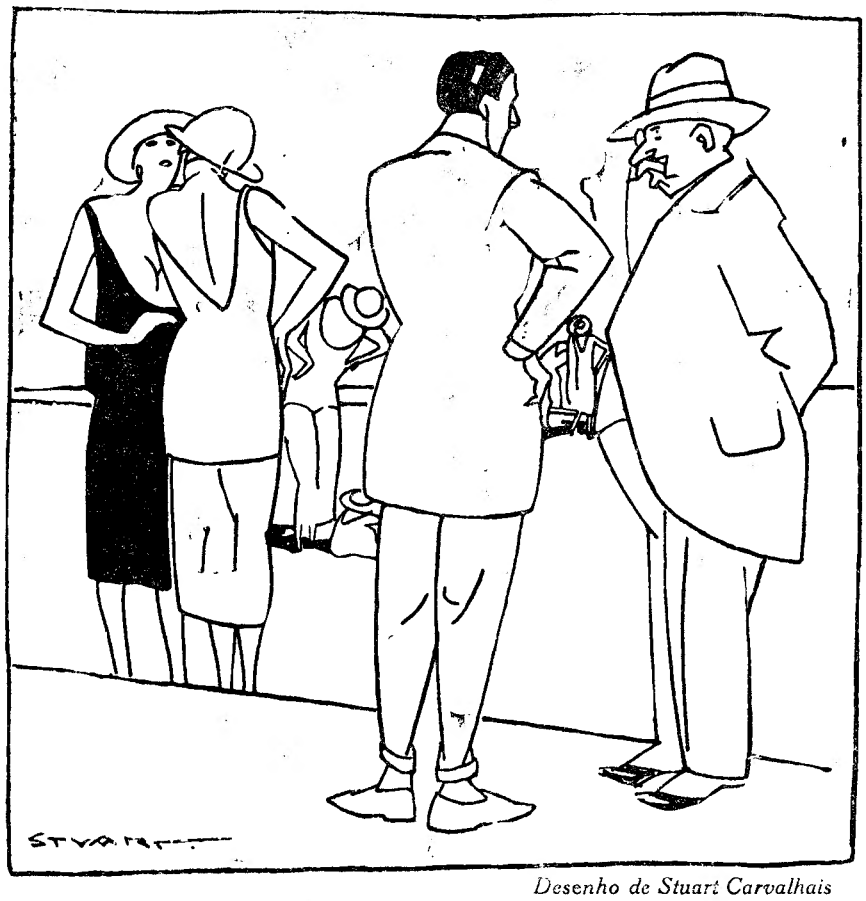
A este respeito, o sr. Presidente da Republica não tem competidor. O seu trato simples, de uma cordialidade que cativa e prende, a pureza moral do seu caracter, a clara expressão do seu olhar, as fulgurarações do seu verbo tornam-no digno da excelsa missão de que neste momento se desempenha.

Para falar ao Brasil, de maneira a conquistar-lhe os entusiasmos, ninguem com melhores dotes e titulos que ele.

A mensagem que do *Porto*, pela T. S. F., enviou ao povo brasileiro, ainda que a critica feroz a pretenda reduzir ás proporções de um simples documento retórico, sem repercussão nem vibração, é bem a voz de Portugal.

Todos nós, os que a conhecemos — voz que não tem igual no mundo, quando é necessario traduzir as palpitações do nosso patriotismo — achamos que o sr. Presidente da Republica falou só a linguagem que convinha — a que vai de coração a coração.

A CRISE RUSSA



Desenho de Stuart Carvalhais

—Imagine que a crise russa é tão pavorosa que as mulheres já andam quasi nuas!

—Pois olhe que então a nossa crise não é menos pavorosa.

PIERRE Benoit, que ha pouco afirmou que Flaubert é o peor escritor do seculo passado, desapareceu de Paris já ha dias, parece que raptado pelos *Sinn-feiners*, sôbre os quais escreveu um pessimo livro— *Chaussée des Geants*.

A sua noiva está em cuidados e um cronista do *Temps* pregou-lhe uma tareia em prosa, chamando-lhe o sucessor de Georges Ohnet. Os jornais de Paris, escusado é dizê-lo, não tomam a sério o caso da sua desaparição.

—«E' *fita*, não ha que vêr!»—afirmam todos.

E esperam que Pierre Benoit, que é bibliotecario no ministerio da Instrução, surja, dum momento para o outro, com qualquer historia da sua inventiva, para impingir aos curiosos. Como se atribue a gloria de renovar o romance de aventuras, Benoit gosta de meter na sua vida um capitulo de romance. Este apetite ás vezes faz dum mediocre escritor um bom viajante.

Talvez que viajando, mas a sério, com olhos de vêr, o autor de *Atlantide* chegue a perceber as razões por que não pode admirar Flaubert.

* * *

O MINISTERIO da Marinha autorizou os aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral a visitar as nossas colonias dos Estados Unidos.

Crêmos que não seguirão a via aerea, mas que contam embarcar a bordo do *Republica*, do Rio de Janeiro para Nova York. E' precisamente isto que nos dóe, porque vão fazer uma despesa que as nossas finanças não comportam, desafogadamente.

Porque não tomam lugar a bordo de qualquer transatlantico?

Nós temos todo o empenho em que Portugal se mantenha em união constante com as suas colonias norte-americanas, mas não devemos esquecer-nos que importarão, em perto de 1.500 contos por mês, os gastos da viagem.

* * *

MUITOS dos jornais alemães, alguns com 90 anos de existencia, vão deixando de publicar-se, por causa da carestia do papel, mão de obra, etc. Não faltará quem afirme que não se trata dum grande mal. E' certo. Mas se nos lembrarmos que, insensivelmente, nos estamos habituando a passar sem tanta coisa, que dantes tinhamos como agradavel ou necessaria, talvez nos venha o receio de que passemos tanto além dos estritos limites da economia que caiamos na mais negra e insuperavel miseria.

* * *

UMA leitora do *Diario de Lisboa* diz-nos que não compreende que comprando-se, quer nos teatros, quer nos animatografos, um camarote para cinco pessoas, haja, dentro dele, sómente quatro cadeiras. Provavelmente é para vêr se levam o espectador, que não tem assento, a procurá-lo na plateia, onde o publico sente uma grande vontade de se pôr de pé, para... estar mais á vontade.

* * *

RECEBEMOS a terceira edição do livro de Sil-Van-Vas, *Uma Intriga na Côrte de Berlim* que recomendamos aos nossos leitores que desejem conhecer como a verdade se deforma e perverte, junto a Guilherme II. A edição pertence á livraria Portugal-Brasil.

Pelo "sport"

Por pistas e "rings"

Nota de abertura—*Não constitue novidade no «Diario de Lisboa» o apparecimento desta secção. A ultima epoca de «foot-ball» foi cuidadosamente seguida nestas colunas. A testemunhar esta affirmativa está o interesse com que as cronicas sportivas do «Diario de Lisboa» eram lidas e apreciadas pelos «sportmen».*

O desapparecimento da secção por uns tempos não significou, da parte deste jornal, desinteresse pela causa do «sport». E tanto assim que as cronicas sportivas do «Diario de Lisboa» reapparecem com a abertura—muito proxima já—da epoca «foot-ball».

Não quere isto dizer—Deus nos defenda!—que os outros ramos de «sport» nos não merecem interesse. Mas a verdade—dura verdade!—é que o «foot-ball» ainda é o unico «sport» que interessa á maioria dos «sportmen» portugueses.

Parafraseando um dito celebre, poderiamos até affirmar que, em Portugal, o desenvolvimento sportivo se pode medir pelo numero de bolas de «foot-ball» importadas de Inglaterra.

* * *

E' nossa intenção recortar esta secção pelos moldes actualmente adoptados nas revistas inglesas da especialidade e que começam a ser introduzidos com exito em França.

As cronicas e relatos—e á falta destes a exposição de doutrina—substituirão nestas colunas a fastidiosa repetição de noticiario durante a semana que antecede qualquer acontecimento sportivo.

Afastar-nos-hemos assim dos processos rotineiros—em má hora importados de França—seguidos hoje por quasi todos os cronistas sportivos dos diarios portugueses.

Não nos quadra, nem quadrou nunca a este jornal, o jornalismo de tesoura e de chá refervido.

* * *

Para evitar surpresas, desde já declaramos que seremos parcos em elogios.

Os jornalistas queixam-se muitos vezes da ingratidão das nulidades que, á sombra da imprensa, conseguem elevar-se na politica, nas artes e nas letras. O mesmo ha-de suceder dentro em pouco aos jornalistas sportivos. A nós não, que nos escasseia vontade de ter de responder por tal pecado no dia do juizo final.

E já agora que se trata de definir atitudes, devemos dizer que, até onde nos fôr possivel, faremos nesta secção uma guerra á outrance ao profissionalismo sportivo.

A missão do sport é desenvolver e afinar as qualidades fisicas do homem. As batalhas sportivas são a pedra de toque em que se mede o valor fisico das raças.

Fazer do «sport» modo de vida é falsear essa missão.

O unico profissionalismo que pode ser tolerado é o do «box» pois que os que o praticam se arriscam a uma inutilização fisica que pode significar uma inutilização para o trabalho.

Nos outros «sports», o profissionalismo deve ser combatido por todos os meios e evitado como se de lepra se tratasse. Pela parte que nos toca faremos o que em nossa mão estiver.

* * *

Terminaremos por onde poderiamos ter começado: por saudar os «clubs» e agremiações sportivas, bem como os verdadeiros homens de «sport» de Portugal.

AO SON DO «GONG»

Criqui vem a Lisboa?

Os leitores do *Diario de Lisboa* têm em primeira mão uma sensacional noticia: Criqui deve vir a Lisboa no proximo mês.

O sr. Tomé Moreira do O' está em negociações directas com o rei do *knock-out*, sendo quasi certa a vinda deste a Lisboa, onde fará um combate com um *boxeur* estrangeiro que há tempos se conserva em Lisboa.

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

IODONAL
NÃO COMEM, DEVORAM!
TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS
Superior ao óleo de bacalhau e emulsões
INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.
FARMÁCIA FORMOSINHO
Praça dos Restauradores, 18

TAUROMAQUIA

A segunda corrida de Salamanca

OITO TOUROS DA "GANADERIA" PEÑA RICO

MATADORES

Saleri, Megias, Chicuelo e Maera

SALAMANCA, 13.—Tarde bastante fria, ventosa e nublada e a todo o momento ameacando chuva, o que ocasiona, embora com o «cartel» bem cuidado, uma concorrencia boa no sol e regular na sombra, pouco faltando, no entanto, para encher-se a praça.

A animação maior que a da corrida anterior.

Os toiros das duas ganaderias bons em apresentação e de lindas estampas, sobresaindo em bravura os quatro de Peña Rico, corridos em primeiro logar, sendo os quatro de Villamarta mais brandos, alguns nobres e outros dificultando a lide. A corrida tornou-se pesada, se bem que por vezes animada.

Dos espadas, Sanchez Mejias e Maera, os melhores, cortando cada um «su oreja» e salvando assim a corrida. Dito isto, entraremos nos detalhes.

1.º negro «Ermosillo», nobre e cumprindo bem todos os «tercios», recebe quatro boas varas, proporcionando duas caidas muito aparatosas.

Saleri e Maera estão aos quites, adornando-se ambos; Maera salienta-se, «arrimando-se» tanto que emociona, e tambem pela forma como remata. Saleri toma as bandarilhas, e depois de uma «salida en falso» aplaudida, coloca tres pares, um de dentro para fóra, outro por terrenos de dentro junto á barreira e o ultimo a «quarteio», muito aplaudidos.

Passando ao terceiro «tercio», faz uma «faena» luzida e arrimada. Tem passes com a esquerda por alto e um natural, dá com a direita um redondo, outro por alto e um de peito, matando de uma estocada, sendo muito aplaudido.

2.º negro, «Jabonero», saindo com bastante poder, que conserva até final. Sanchez Mejias dá-lhe umas boas «veronicas» e «los piqueros» têm quatro boas varas por outras tantas caidas que arripiam, com uma «gabardina» estendida. Nos «quites» Mejias e Chicuelo bastante adornados.

Megias bandarilha no 2.º tercio. Crava três pares «super», dois de poder a poder e um de dentro para fóra; muitas palmas. No terceiro estado Megias faz um trabalho muito deligente e acertado «con el trapo rojo». Tem passes de valor, tais como por alto, redondos, de peito, naturais e um de «rodillas», despachando com meia estocada e um «descabello». Musica e palmas.

3.º negro, «Inclusero», cumprindo. Chicuelo mimoseia-o com veronicas cingidas e aplaudidas. Dos picadores recebe as 4 varas, por duas caidas. Nos quites pouco a registar.

Passa ao 2.º tercio, pedindo-se para que Chicuelo bandarilhe, o que não acontece, armando-se «bronca». Os peões da sua quadrilha, é que o fazem, cravando a quarteio dois pares e meio. Toma Chicuelo a muleta, dando passes por alto, um natural e dois de «rodillas», todos arrimados. Tem pressa em despachar o inimigo, e intenta matar, dando meia estocada sem resultado por um desarme.

Nova estocada tendendo a atravessar-se, e depois de «descabellar» três vezes «despacha para el arraste».

4.º negro, «Gracioso», brando e dificil mas nobre. Maera dá algumas veronicas. De principio, com pouca vontade aos picadores. Anima depois, e leva as quatro varas, por outras tantas caidas. Maera e Saleri muito adornados nos quites.

Passa ao 2.º tercio, e Maera pega em bandarilhas de palmo. Uma boa «salida en falso» é o inicio do seu trabalho, e depois de preparar de novo, não sem dificuldade, coloca a cambio o par. Seguem-se com as compridas mais três pares, dois de frente, o primeiro soberbo e um quarteio. Palmas.

Passa ao tercio da morte, e faz uma faena cheia de «olés». Trabalha admiravelmente, «los pitones» roçam-lhe a todo o momento, a emoção é constante. Um por alto, quatro de cabeça a rabo seguidos sempre, escorregando com a mão por todo o dorso, um redondo, e outro de «rodillas» agarrado aos «pitones», rematando enfim com uma estocada superior. «Ovacion y oreja con vuelta al ruedo».

5.º Negro, «Atento», regular e dificil, para Saleri, que dá umas veronicas um tanto movidas. Recebe dos picadores as quatro varas, causando uma caída por um «penco». Em quites Saleri e Maera pouco trabalho têm. «El Maestro coje los rehiletes», mas não consegue brilhar.

No terceiro tercio, Saleri, se bem que movimentado, devido ás condições do animal, trabalha com acerto. Dá passes de peito e naturais em redondo e de «rodillas» e prepara para a morte. Meia estocada sem efeito, mais uns passes, nova estocada e com dois descabelos acaba a lide.

6.º Negro, «Agijon», brando e nobre em absoluto. Sanchez lanceia por veronicas. Os picadores neste touro são verdadeiras feras, com o que fazem, chegam a rasgar o animal com as varas. Ha protestos de indignação. Quatro varas por duas caídas e um «arraste». Nos quites, Megias e Chicuelin muito bem. No tercio de bandarilhas Megias coloca quatro esplendidos pares, pela ordem seguinte: um por terrenos de dentro numa saída apertadissima, dois quarteados e o ultimo de dentro para fóra, muito aplaudidos. Toma em seguida a «muleta», tornando-se dificil descrever o que foi o seu primoroso trabalho. De tudo tem e de tudo faz. Arrima-se assombrosamente, de entrada dá dois passes sentado no estribo, depois um natural com a direita, em seguida um redondo e outro de peito, ajoelhando-se e positivamente brincando com o touro, agarra-se ao «piton» e coça-lhe o testuz. Novos passes, que arrepiam, e com o lenço limpa varias vezes, com a maior serenidade, o focinho do animal. O silencio era profundo, as palmas estrugem então duma fórma extraordinaria. Depois dá um «pinchazo» e a seguir uma estocada superior, dando Megias «la puntilla» ao touro que cai fulminado. «Muchos olés, muchos pañuelos, vuelta al ruedo y la oreja, com muchas palmas e musica».

7.º—Negro, «Montañez», de muitas arrobas, brando mas com poder e nobre.

De principio com pouca vontade de «eaballos», o que ocasiona protestos e «bronca», depois esperta e tem varas onde se deixa dormir; leva quatro varas por uma caída.

«Chicuelo» está apatico e assustado com este touro. E' Sanchez Megias que coadjuva enormemente este tercio, onde nos quites tem situações esplendidas.

Os peões de Chicuelo tambem são incansaveis. Só o «Maestrito» é que não trabalha. São ainda os seus bandarilheiros que no «tercio» de bandarilhas têm pares muito bons. Chicuelo agarra a muleta, mas nada faz digno de nota, o que quere é ver-se livre de tão pesado encargo; dá um «pinchazo» que ocasiona uma grande «bronca», sofre um desarme, e dá uma estocada deanteira, de que resulta nova «bronca», ao segundo «descabello» mata o animal que tanto medo lhe causou.

8.º—Negro, «Baron», boas carnes, manso e dando má lide. Maera lanceia sem luzimento. O 1.º «tercio» é bastante movimentado, os picadores trabalham com vontade, em quatro varas, ha duas caídas e duas «gabardinas». De quites, nada. Toca para o 2.º tercio e Maera crava um bom par de frente, completando os seus bandarilheiros o «tercio» com dois pares a quarteio. Maera com a muleta está apressado, não tem trabalho para registar. Dá meia sem resultado e a seguir uma segunda «en su sitio» e com isto «se acaba la funcion». Amanhã, 6 Miuras com La Rosa, Chicuelo e Maera.

El Rodriguito

CINEMA CONDES

Os ultimos modêlos de chapeus e leques

Hoje, no Condes, exibe-se um «film» particularmente interessante para as senhoras: os ultimos modêlos de chapeus e leques parisienses. Em pleno sucesso continua o empolgante «film de aventuras e viagens «Os misterios da Selva, o interessante drama «O Remorso», a espledida comedia «O quintal da Rosalina» e o «film» natural «A olaria artistica em França». Amanhã «matinée» elegante e estreia de mais dois episodios dos «Misterios da selva».

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Francisca de Almeida e Vasconcelos de Noronha, D. Francisca Maria de Sampaio Melo e Castro Manique Moreira, D. Carolina Maria Pinto da Cunha Saavedra Gaspar, D. Josefina de Vasconcelos Abreu Andressen e D. Vicencia Pedrosa de Carvalho.

E os srs.:

Dr. Sebastião Horta e Costa, dr. Candido de Figueiredo, Jaime Raul do Brito Carvalho da Silva, Carlos Andressen da Costa, Antonio Alves Diniz e Francisco Horta e Costa de Vale e Vasconcelos.

Casamentos

Realizou-se hontem na capela do esplendido palacete da senhora D. Virginia Duff Burnay Pinto e do sr. Antonio Vieira Pinto o casamento da senhora D. Helena Maria Gandon, gentil filha da senhora D. Maria Sampaio Gandon e do sr. Artur Gordon, já falecido, com o sr. Frederico Duff Burnay, filho da senhora D. Maria Virginia Duff Burnay e do sr. Frederico José Burnay, já falecido.

Serviram de madrinhas a mãe da noiva e D. Maria Virginia Duff Burnay Vieira Pinto, irmã do noivo, e de padrinhos o sr. Antonio Vieira Pinto e o sr. Emilio Burnay.

Celebrou o acto o sr. dr. Augusto de Araujo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido um primoroso «lunch», seguindo depois os noivos para Inglaterra, de onde partirão para França e Alemanha.

Na «corbeille», que se encontrava exposta em uma das salas da elegante residencia, notava-se grande numero de valiosas e artisticas prendas, de entre as quais destacamos: oferecidas pelo noivo á noiva um riquissimo anel de platina com perolas e brilhantes; da noiva ao noivo um artistico par de botões de punho em ouro cinzelado e um anel de platina com brilhantes; e das senhoras D. Maria Virginia Burnay Vieira Pinto, D. Madalena Burnay Pereira, D. Maria Izabel Chaves de Sousa, D. Maria Burnay Mendonça, D. Eugenia Burnay Carvalhosa, D. Daisy Cohen de Bettencourt, D. Elisa Carneiro Bordalo Pinheiro, D. Luisa Gandon Banet, D. Madalena Burnay, D. Maria Luisa Duff, D. Pilar Sotto Mayor Pinto Bastos, D. Raquel de Sousa Burnay, D. Maria Virginia Duff Burnay, D. Henriqueta Amorim Duff, madame E. Huet, D. Virginia e D. Maria do Carmo Pinto, sobrinhas do noivo, D. Celina Soares, etc., etc.; e as dos srs. Antonio Vieira Pinto, Joaquim Sotto Mayor, Alfredo Vieira Pinto, Isaac Pereira, Antonio Augusto de Sousa, João Carvalhosa, Horacio Hora, Edouard Gandon, Diogo Bettencourt, Pedro Bordalo Pinheiro, Antonio Leitão, José Antonio de Oliveira, Alfredo Abreu, Domingos Abreu, Antonio Monteiro de Matos, José Luciano Ribeiro, Antonio Burnay, dr. Manuel Barbosa, dr. Carlos Barbosa, Fernando Pinto Bastos, José Duff Burnay, Carlos Duff, dr. Frederico Igrejas, Leitão & Irmão, D. Carlos da Camara, Avelino Torres, João de Romero, Raby Burnay, Joaquim Soares, Lino Ferreira, etc.; etc.

Ofereceram tambem interessantes objetos os interessados da casa Pinto & Sotto Mayor, os empregados da secção maritima, os continuos da mesma secção e as criadas da noiva.

—No dia 8 realizou-se o casamento da senhora D. Angela Monzó Navarro, gentil filha da senhora D. Joana Juliana Monzó Navarro e do sr. D. José Navarro e Hurtado, já falecido, com o sr. dr. Alexandrino de Melo Borges, filho da senhora D. Marta da Conceição Melo Borges e do sr. dr. Luis de Loureiro Melo Borges.

A cerimonia teve um caracter muito intimo, tendo apenas assistido os parentes mais proximos dos noivos.

—Pelo sr. João Augusto Ferreira, foi pedida em casamento, para seu filho Matias, a senhora D. Emilia Teixeira de Matos Vicente, interessante filha da senhora D. Gloria Teixeira de Matos Vicente e do sr. José de Matos Vicente, já falecido.

O casamento deve realizar-se brevemente.

CARVÃO
DE SOBRO E AZINHO
a 260 réis o quilo
É por quanto sairá
1 saca posta em
casa do freguês
Cada saca vendida por conta do lavrador directamente ao publico
ESCUDOS 23$50
— Com entrega ao domicilio —
Peçam tabelas e
mais condições a
ARAUJO & FERREIRAS, L.DA
RUA DO COMERCIO, 28, 3.º

CARBURETO ITALIANO
Peso liquido de 50 e 60 quilos
MARCA «SUFID»
CRISTALIZAÇÃO
25|50 m|m
Peso liquido de 50 e 60 quilos
ENTREGA IMEDIATA
A. F. JERVIS, L.DA
12, TRAVESSA DO ALMADA, 1 loja E.
(Á MADALENA)

UMA PAGINA DE EVOCAÇÃO

A chegada do "Fairey 17"

á baía da Guanabara

Milhares de pessoas oferecem alma a Portugal

A proposito da chegada do sr. presidente da Republica ao Brasil, quere o *Diario de Lisboa* que eu reconstitua a chegada do *Fairey J7* á baía da Guanabara, como se fôsse hoje que as azas brancas de Portugal voaram por sobre a antiga cidade portuguesa do Rio de Janeiro.

O que foi esse dia de louco, de santo, de puro entusiasmo, já todos sabem.

Recordá-lo, nesta hora em que o chefe do Estado português è alvo de um acolhimento carinhoso na capital do Brasil, é recordar o dia de maior gloria da nossa historia contemporanea.

E nunca é demais contemplar a luz ofuscante das estrelas, quando se trazem os olhos tão pertinho do chão.

***

No dia 17 de Junho, dia de gloria e dia de neblina, o meu caderno de apontamentos registava estas impressões:

«Não encontro, por mais que procure, uma palavra que me dê claramente a ideia do que se passou hoje no Rio de Janeiro. O dicionario da lingua portuguesa, o dicionario da minha lingua é pobre de vocabulos e mendigo de expressões talhadas em marmore ou gravadas em bronze, para perpetuar a memoria deste dia.

Apoteose! — dizem os jornais do Brasil. Mas apoteose não diz nada; apoteose é uma palavra banal para tão maravilhoso espectaculo de côr, de alegria, de ruido e de beleza emocional; e isto não foi uma apoteose, pelo amor de Deus! — pelo menos uma apoteose como em Lisboa se julga, com balõesinhos de S. João a dar um aspecto festivo á scena, uma roda luminosa a girar, vertiginosamente, em volta de um eixo e a figura magestosa da gloria, lá no alto, toda vestida de branco, com a trombeta tonitroante da Fama a tocar a marcha guerreira da *Aida*...

Não! Isto não foi uma apotéose, foi alguma coisa maior do que uma apotéose. Foi uma população inteira, foram duzentas, foram trezentas, foram quatrocentas mil pessoas—porque já não cabiam mais, porque já não havia um palmo de terreno de onde uma pessoa pudesse disfrutar este espectaculo inédito — foi o Rio de Janeiro em peso a oferecer alma a Portugal, a respirar alma, a trasbordar alma, a gritar alma a plenos pulmões:

E' necessario tê-los visto e ter compartilhado com eles toda a alegria divina daquela hora abençoada, para se avaliar como os emigrantes sabem ser melhores portugueses que todos nós, que vivemos simplesmente uma vez em Portugal.

Não ha memoria de o Rio de Janeiro ter vivido um dia da sua existencia com tanto entusiasmo, com tanta delirio, com tanta alma como viveu o dia da chegada do *Fairey 17* á Guanabara, E esse entusiasmo, e esse delirio, e essa alma foi-lhe toda emprestada pelos emigrantes portugueses.

Na Historia de Portugal, onde ha clarões que iluminam com um deslumbramento imorredouro os vultos de semi-deuses dos nossos herois, aquela pagina imortal ficará para sempre gravada na folha do mais puro bronze.

E não se diga, bom Deus! que foi maior a curiosidade despertada por este desejo tão humano de ver dois homens tocados pelo resplendor da gloria, do que a sinceridade que não engana, a sinceridade que é toda coração, toda entusiasmo, toda alma.

***

O dia amanheceu carregado de neblina e não era de esperar, diziam os entendidos e dizia o proprio director da Aeronautica Brasileira, que *o Fairey 17* tivesse largado da Vitoria.

O boletim meteorologico que o comandante do *Republica* fez expedir para os aviadores, pela telegrafia sem fios, ás primeiras horas da manhã, dizia pouco mais ou menos assim:

Tempo ameaçador. Ceu forrado. Cerração. Vento.

O nosso cruzador chegou ao Rio ás 8 h. e não foi sem dificuldade, embora com a enorme vantagem da sua alta competencia de marinheiro, que o comandante Muzanty demandou a baía da Guanabara. O ceu estava completamente forrado de nuvens e o Pão de Assucar, o Corcovado, a Tijuca, Santa Tereza, todos os morros que circundam o Rio de Janeiro envolvidos por um manto espesso de neblina.

Mas eles tinham prometido chegar naquele dia e queriam cumprir a sua palavra.

Pouco depois das nove e meia, todos os jornais anunciavam nos seus *placards:*

O hidro-avião partiu da Vitoria ás 9 h. e 28 m.

Começou então a chover gente sobre os pontos altos da cidade, sobre os morros, sobre os telhados, sobre as torres das igrejas, por toda a parte de onde se pudesse ver uma nesga da baía com probabilidades de avistar o hidro-avião.

O Rio de Janeiro—a cidade monumental da luz, das mulheres lindas e dos automoveis —não tinha um automovel para alugar. As mulheres lindas tinham os olhos postos no azul do ceu e resavam, resavam baixinho para que o avião da gloria chegasse a porto de salvamento.

A multidão estendia-se por toda a orla maritima da cidade, desde a Praça Mauá até á Avenida Atlantica, como a poeira de carvão por sobre o *spardeck* de um navio de guerra; dependurava-se das janelas e das sacadas, como vasos de flôres nas aldeias humildes de Portugal; cobria completamente as pontes do Rio de Janeiro e enchia a trasbordar a Avenida Rio Branco, todas as arterias centrais da cidade e até o alto do Pão de Assucar, embrulhado em papel de seda, como disse um de nós quando chegámos.

A Guanabara, larga e maravilhosa como um grande lago azul levemente encrespado pela ondulação, desde o cais Pharoux até ás proximidades de Nictheroy, estava toda salpicada e engalanada pela ruidosa alegria de centenas de embarcações de todas as fórmas e de todos os tamanhos. Tremulavam ao vento milhares de bandeiras de todas as côres.

Por toda a cidade, ouvia-se apenas um nome, na boca de milhares de pessoas:

—Vem aí o Sacadura!

E, no meio do seu entusiasmo, quasi se esqueciam de que vinha tambem o almirante Gago Coutinho. Se não lhe fizessem depois uma ovação tão carinhosa e tão sincera; se o nome dele não fosse pronunciado com tanta admiração e com tanta simpatia por toda a gente; se as senhoritas cariocas não lhe quizessem devorar a cara com tanto beijo; se não tivesse andado durante alguns minutos ao colo de centenas de pessoas, com risco de morrer asfixiado pelos abraços, estava satisfeita a maior aspiração da sua vida: atravessar o Atlantico dentro de um hidro-avião e voltar, humildemente, recatadamente, para a sua aldeia, sem que ninguem pudesse apontar para ele e pronunciar o seu nome:

—Olha, lá vai o Gago Coutinho!

***

«Como de costume, embarcámos no gazolina do *Republica* e fomos esperar o avião a pequena distancia da ilha das Enxadas. Na cidade, os morteiros subiam ao ar constantemente, anunciando a passagem dos aviadores em Guarapary, Anchieta, Piuma, Itapemerin, Itapaboana, Cabo Frio, Saquerema e Ponta Negra. Era a derradeira étepe da marcha triunfal, por entre o nevoeiro denso que se tinha formado ao longo da costa.

Em volta da nossa lancha, encostada ao casco abandonado de um velho navio de guerra, pequenas embarcações embandeiradas andavam de um lado para o outro, na impaciencia natural de quem espera.

Percebia-se ao longe, a todo o comprimento da orla maritima, a mancha negra da multidão, enroscando-se como uma cobra em torno da baía.

A' 1 h. e 30 m. deviam chegar, segundo os nossos calculos. O Faria Pereira, que não tinha levado o cronometro — oh, esquecimento imperdoavel! — via-se privado de contar as horas, os minutos, os segundos e os decimos de segundo.

A essa hora, o *Fairey-17* tinha já passado sobre Cabo Frio e vinha a caminho de Saquerema, onde chegou ás 13 e 45. A ultima localidade de onde havia noticia da sua passagem era a Ponta Negra, ás 13 e 57.

Depois dessa hora, os minutos começaram decorrendo com uma lentidão inquietante.

14 horas e o horizonte continua envolvido em neblina, sem um sinal, sem um ponto negro, sem uma esperança. A cada minuto que passa — oh, deliciosa ingenuidade! — inventamos uma explicação nova para iludir a impaciencia que se vai apoderando de nós.

— Tiveram vento contrario... O nevoeiro retardou-lhes a marcha... Perderam, talvez, uma hora de gazolina... A hora da partida, naturalmente, veiu errada... Até ás duas e meia não ha que receiar... E esse relogio anda adiantado como um cavalo...

Estava certo, certissimo aquele relogio. Sobre a baía pairavam os aparelhos da Aviação Brasileira, que iam até á entrada da barra e vinham depois contornando lentamente o Pão de Assucar.

A certa altura, o *Trás-os-Montes*, que tinha tomado o rumo da barra, carregadinho de gente, viu três aparelhos surgirem no horizonte, em torno do Morro do Pai. O engano era facil, no meio do nevoeiro. E, julgando que um deles era já o *Fairey-17*, fez ouvir prolongadamente o apito da sereia, a que corresponderam outros navios, repercutindo-se em terra o delirio das aclamações.

Minutos depois, Lisboa abria a valvula do entusiasmo — quando os aviadores não tinham chegado ainda ao Rio de Janeiro.

Dali a pouco, cessaram os apitos e a demora voltou a encher de ansiedade todas as almas.

***

«O coração apertava-se num circulo de ferro e até a respiração era mais branda, como a respiração de um condenado á morte que espera ainda um remedio milagroso para acreditar na vida. Os aparelhos da Escola de Aviação Naval vieram amarar, um a um, junto da ilha das Enxadas e apenas cinco se conservaram no ar, esperando o momento de fazer a guarda de honra ao *Fairey 17*.

Ás 14 h. e 20 m., quando todos os olhares estavam postos na entrada da baía, quando todas as almas rezavam baixinho a oração dos naufragos, a sereia do cruzador *Republica* deu o primeiro sinal.

O vigia tinha avistado ao longe, mal se adivinhando ainda por entre o nevoeiro, um ponto minusculo que não enganava os seus olhos de lince, habituados a ver na imensidade liquida o fumo dos navios e a ler no ceu a sina das estrelas.

— Lá vem ele! Lá vem ele!

A pouco e pouco, foi-se tornando maior aquele pontinho negro quasi imperceptivel, que dali a alguns minutos se destacava já, claramente, majestosamente, sobre as aguas azuis da Guanabara.

O *Republica* fez ouvir o apito da sereia com tanta alma, que me deu a impressão da trombeta de Jozaphat tocando a reunir para o juizo final. As duas peças de vante salvaram ás azas brancas de Portugal.

Todas as embarcações apitaram ao mesmo tempo. Os vivas, as palmas, as sereias, os gritos e os morteiros enchiam a atmosfera de um divino rumor de mar tempestuoso, que trazia na crista da vaga a gloria de Portugal.

— Num minuto vivi dez anos!—ouvi eu dizer a um velho que já tinha dobrado o cabo dos sessenta.

A cruz de Cristo vocu triunfalmente, majestosamente sobre a Guanabara doida, de entusiasmo. O avião descreveu uma curva sobre a cidade, passou por cima do *Republica* numa saudação, e veiu pairando, lentamente, sobre a baía, seguido por oito aparelhos brasileiros, até junto da ilha das Enxadas.

Já de longe vinha picando, aproado á carreira da Escola de Aviação Naval, onde desceu com uma serenidade triunfante ás 14 h. e 35 m.

***

A lancha do *Republica* aproxima-se do aparelho. Fomos os primeiros a cumprimentar e a ser cumprimentados.

O almirante Gago Coutinho acenou com a mão direita, correspondendo ao nosso entusiasmo.

Tal qual como em Lisboa, á hora da partida:

—Olá, meus senhores...

Saltou depois para o flutuador de bombordo preparando o reboque para a amarração do aparelho. E quando tudo estava pronto, desapareceu novamente dentro da *nacelle* e fez ao ar livre a sua *toilette*, substituindo o casaco de vitela pelo dolman branco do seu fardamento de capitão de mar e guerra. Ainda não usava os galões de almirante.

Tinha nos labios um sorriso de intima satisfação e agitava os braços no ar, agradecendo os vivas e as palmas que rompiam, delirantemente, de todos os lados.

Sacadura Cabral desfraldou a bandeira do Brasil junto da flamula da Cruz de Cristo. Gago Coutinho empunhou então a pistola *very-light* e salvou com 21 tiros ao pavilhão brasileiro. Carregava e descarregava a pistola a sorrir, como quem cumpre alegremente uma obrigação.

Quando desembarcou, Gago Coutinho acenou-me de longe com um telegrama:

—E' para o Colaço... Trouxe-o da Vitoria...

Era o momento solene dos abraços. A muito custo, lá me consegui aproximar dele.

—A viagem, sr. almirante...

—Viemos quasi sempre com nevoeiro...

—E a demora...

—O vento reduziu-nos a velocidade a 50 milhas... A neblina era tão cerrada que andámos um quarto de hora á procura da barra... Não era lá muito agradavel esbarrar contra o Pão de Assucar — apesar de ser doce...

Entre palmas, flores e vivas foram os aeronautas conduzidos para o salão de honra da Escola. O *Fairey 17* era recebido carinhosamente no *hangar* pelos seus irmãos brasileiros.

Que demorada conversa entretiveram depois todos os aeroplanos, quando o silencio baixou sôbre o *hangar* e as estrelas começaram a tremeluzir no ceu!

***

Deixo aqui registada a minha impressão sôbre a fisionomia do Rio de Janeiro depois da chegada do *Fairey-17:*

«O Rio de Janeiro, a cidade que eu tinha sonhado através de mil descrições coloridas que andam nos livros de viagens e na bôca de quem viajou, era, segundo a minha fantasia, uma linda mulher de linhas esculturais e olhos dôces como um pão de assucar; uma deliciosa morêna, de labios apetitosos como cerejas, vestida pelos moldes do ultimo figurino de Paris; uma figurinha coleante de mulher serpente, de mulher Maxixe; uma cabeça adoravel de Franz Halls divinizada por um sorriso cheio de promessas. Mas uma mulher brasileira, respirando a volupia da floresta virgem, espalhando o arôma do sertão em flôr.

E não foi este o Rio de Janeiro que eu encontrei.

Por mais esforços que faça para me convencer de que estou na capital dos Estados Unidos do Brasil, á beira do Atlantico, não posso acreditar que seja este o Rio de Janeiro de que tanta gente me falou quando saí de Lisboa.

—Mas não corresponde a sua impressão áquilo que tinha imaginado?—preguntou-me um brasileiro amante da sua cidade, desgostoso por adivinhar através das minhas palavras uma desilusão.

—Pelo contrario: ultrapassou tudo quanto eu tinha imaginado—apressei-me a responder-lhe—O Rio de Janeiro é uma cidade encantadora, onde ha mulheres tão lindas como as mulheres lindas da Europa; uma cidade iluminada a toda a hora da noite como para um festim de milionario; uma cidade que deslumbra como uma obra prima de graça e de encanto; uma cidade inebriante como o perfume que se exala do colo perturbando das suas mulheres; uma cidade que atira dinheiro pela janela fóra; uma cidade que trabalha como um forçado das galés e vive com o esplendor de um milionario.

Mas não é nesse sentido que eu acho o Rio de Janeiro diferente do que tinha imaginado.

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

«Manucures»

Muitas pessoas que nunca tinham dado pela existencia das mãos convenceram-se dela quando surgiram as «manucures».

E desde então, entusiasmados com a descoberta, passaram a passar horas longas estendendo as unhas ao «polissoir», manejado por dedos elegantes. E as «manucares» triunfaram. Temo-las hoje ás centenas por essas barbearias e institutos de beleza e ás dezenas nos anuncios dos jornais.

Antigamente quem não tinha unhas não podia tocar guitarra. Agora, quem não apresenta unhas brilhates, coloridas, rapadas de peles— não é gente. Tratar das unhas tornou-se um vicio, e um vicio é muito mais teimoso do que uma boa qualidade.

Conheço um pobre rapaz a quem um desastre roubou as duas mãos, que ainda ha dias me dizia, lamentando-se:

—O que mais me doi na minha desgraça é não poder tratar das unhas!

Por este lamento se vê a revolução que as «manucures» fizeram na sociedade.

Eu bem sei que tratar das mãos é muitas vezes, para as especialistas, um processo de entrar com pés de lã nos corações dos homens. E quantas mãos criminosas se teem regenerado ao contacto suave de outras mãos delicadas!...

Mas as senhoras que tão gentilmente se prestam a desbastar a brutalidade dos dedos dos homens, amaciando-os, tornando-os senhores das suas unhas e menos senhores de si— o que é muito vantajoso—deviam completar a sua obra genial fazendo-se tambem «pedicures».

Está mais que provado que não é pelas mãos que nos perdemos.

E' com os pés que nós mais prejudicamos o nosso semelhante—que os pés são o forte daqueles que não sabem para que servem as mãos.

Sarmento Duque

Apreensão de livros pornograficos

O comissario de policia, alferes sr. Lopes Soares, mandou hoje apreender em todas as livrarias e tabacarias da baixa grande numero de exemplares de livros, folhetos e bilhetes postais que continham obscenidades,

MUCOSAN

ULTIMA MARAVILHA DA SCIENCIA ALEMÃ

CURA { em 3 dias as mais antigas Purgações / em 5 dias as mais rebeldes Flores brancas

MUCOSAN

Absolutamente indispensavel na hygiene intima das SENHORAS

Peçam nas boas farmacias e drogarias

Deposito geral

TRAVESSA DOS REMOLARES, 30, 2.º

Telefone C. 3353

A BARAFUNDA DAS NOSSAS LEIS

RENDAS

OS SENHORIOS E O SEU AUMENTO

O sr. dr. José de Arruela

diz-nos que, apesar das propostas de finanças, elas não podem ser aumentadas

O sr. dr. José de Arruela é um advogado talentoso, habituado aos jogos malabares a que se prestam as leis, quasi sempre impotentes contra os advogados talentosos.

Porque reconhecemos ao distinto bacharel, sem qualquer sombra de favor, qualidades notaveis para o «metier» a que se dedicou e belos triunfos lhe tem valido, resolvemos ouvi-lo sobre um assunto de interesse, sintetizado nesta pregunta:

—Em face das propostas das finanças podem os senhorios aumentar as rendas?

O sr. dr. José de Arruela respondeu:

—Não sei se haverá ou não inconveniencia em lhe expôr o meu pessimismo; mas tenho o maior receio de que as alterações efectuadas na lei do inquilinato não venham a obter execução juridica nos tribunais.

Pelas razões seguintes. Pela lei do inquilinato já era permitido o aumento de renda nos arrendamentos de rendas superiores a certas quantias determinadas no artigo 106.

O proprietario que tivesse a sua casa arrendada por quantia superior a 50 mil réis, em Lisboa, podia aumentar a renda por força desse artigo. Mas os tribunais tornaram nula essa disposição, decidindo *sempre* que o inquilino não podia ser despejado pelo facto *de não pagar qualquer aumento*. Dava-se, pois, a anulação de facto da primeira parte do artigo 106. Os tribunais, principalmente os tribunais superiores, fundamentam as suas decisões em que o decreto de 17 de abril de 1919, no artigo 21, só permite o despejo em três casos *taxativos, unicos*, absolutamente restritos.

Perante o artigo 21 e a segunda parte do artigo 106 os tribunais não obrigavam ninguem a pagar as rendas aumentadas, nem mesmo as superiores a 50 mil réis.

Basta ler os artigos das novas leis de finanças para rapidamente se verificar que o legislador propositada ou involuntariamente deixou de novo a porta plenamente aberta á mesma interpretação dos tribunais.

O § 3.º do art. 25 da nova lei de contribuição predial diz que fica modificado *pelo que respeita ao quantitativo das rendas* o artigo 106; mas isto cheira-me a grossa tolice, com a devida venia dos manes do meu caro Domingos Pereira, Pois se o artigo 106 já não era aplicado nos tribunais, o que quere dizer que esse artigo fica modificado pelo que respeita ao *quantitativo* das rendas? Quere dizer que onde está 50 mil réis deve por-se 150 ou 250; mas como o artigo 25 da nova lei não altera a segunda parte do artigo 106 nem o artigo 21 — da lei do inquilinato — os tribunais vão continuar a decidir que os inquilinos não podem ser despejados por deixar de pagar maior renda! E' tão manifesta a *gaffe* que me custa a acreditar na sua involuntariedade. Mas pode ser que a lei esteja errada nos jornais e que o «Diario do desgoverno» nos traga rectificações importantes — pois sem elas aposto um milhão de escudos ou de rublos (o que será quasi o mesmo dentro em pouco) em como os proprietarios ou senhorios ficarão a chuchar na ponta da *blague* que o Parlamento acaba de lhes oferecer.

DE LUTO

Tomás Bordalo Pinheiro

Mandada rezar pela viuva, a sr.ª D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, e por sua familia, celebra-se ámanhã, pelas 11 horas, na igreja de Santos-o-Velho, uma missa de sufragio pela alma do professor ilustre que foi Tomás Bordalo Pinheiro, falecido ha um ano, após prolongado sofrimento.

A falta de Tomás Bordalo Pinheiro, sobretudo na educação industrial, têm-na sentido bem alunos e operarios. A sua obra, no entanto, prevalece de pé, nas obras dos que com ele aprenderam e na sua série de utilissimos livros onde se desvendam aos profanos os segredos das diversas profissões.

Exercendo o professorado durante trinta anos, fundando e orientando a biblioteca de educação profissional, publicando os *Livros do Povo*, e ensinando, no Instituto Superior Tecnico, na Escola Afonso Domingues e na Escola Normal de Ensino de Desenho, o pai do nosso querido amigo Pedro Bordalo Pinheiro foi sempre uma notavel figura de educador e de homem de acção.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

CRIME?

Homem encontrado morto

Desde ontem que se encontra na linha de Cascais, em frente do quartel da armada, um morto, cuja identidade se desconhece.

Presnme-se que tivesse caído á linha á passagem do comboio ou fosse projectado nela.

O mais curioso de tudo isto é que, á hora a que escrevemos, o cadaver ainda ali se encontra por não terem ainda comparecido as autoridades.

A GUARDA FISCAL

cumprimentou hoje o sr. ministro das Finanças

A oficialidade da Guarda Fiscal, acompanhada do seu comandante geral, interino, sr. coronel Macedo, cumprimentou, hoje, o sr. ministro das Finanças.

Cordoaria Nacional

Foi nomeado medico chefe da Cordoaria Nacional, o capitão de fragata medico sr. Joaquim Manuel Cabral.

INOCENTE?

AS CEDULAS de tostão

LEVAM UMA SENHORA Á CADEIA

Historia de um quilo de uvas que lhe saiu mais caro do que ela julgava

Nos quartos particulares do governo civil, encontra-se presa uma senhora acusada de passar cedulas falsas de dez centavos, numa padaria da rua de S. Bento.

Chama-se Celeste de Almeida, tem 25 anos de idade, e os olhos vermelhos de chorar.

Pela forma como narra o seu caso, parece tratar-se de uma pessoa honesta, que a policia prendeu apenas para dar cumprimento a um artigo da lei.

—Quando foi presa? — preguntou-lhe o nosso «reporter».

—Ontem de manhã, numa padaria da rua de S. Bento, onde fui comprar um pão.

—Porque a prenderam?

—Eu lhe conto: ontem saí de casa para ir ao mercado da Ribeira Nova fazer umas compras. Ao fim da rua de S. Bento encontrei uma vendedeira, a quem comprei nm quilo de uvas por $60, tendo dado uma nota de 5 escudos. Recebi de troco uma cedula de 2$500 e o resto em cedulas de dez centavos.

—E depois...

—Depois dirigi-me ao padeiro da mesma rua, onde comprei um pão, dando para o seu pagamento seis cedulas. O caixeiro disse-me que eram falsas. Preguntei-lhe se as outras tambem não passavam e respondeu-me que não.

—A senhora não sabia que as cedulas eram falsas?

—Claro que não. Eu nem sei ler... E' a primeira vez que estou presa...

E começou a chorar. A seu lado, uma criancinha de 4 anos, de cabelos loiros, brincava despreocupadamente com os outros presos.

—Já foi interrogada?

—Ainda não. Tiraram-me o retrato e mandaram-me pôr os dedos em cima de um papel...

—Conhece a mulher que lhe trocou a nota?

—Se a vir, conheço-a.

* * *

Como nota interessante, não nos podemos furtar a dizer que as senhas de entrada nos quartos particulares do governo civil acompanham a marcha ascensional dos generos de primeira necessidade. De $20 foram elevadas para $50.

A policia entendeu que tambem devia aumentar os seus rendimentos—paralelamente com o custo do feijão.

Director Geral da Fazenda das Colonias

Para o logar de auditor geral da fazenda das colonias, vai ser nomeado o sr. dr. Oliveira e Castro ou o sr. dr. Lopes da Silva.

CAMBIOS

Dia 18

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	95$000	102$000
Londres, cheques	2 11|16	2 9|16
» 90 d.	2 23|32	—
Rio Londres	6 7|8	—
Paris	1$553	1$608
Itália	$877	$888
Bélgica	1$446	1$517
Suiça	3$771	3$961
Espanha	3$057	3$206
Berlim	13	20
Holanda	7$814	8$195
Nova-York	20$158	21$136
Rio Lisboa	2$620	2$690
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$900	2$100

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

NATAÇÃO

A TRAVESSIA de Lisboa

FOI GANHA POR BESSONE BASTO

Algumas fases inreressantes da mais larga prova portuguesa de natação

A prova, como é costume, não começou á hora marcada.

13 h. e 5 m. — É a partida das nadadoras: D. Margarida Pala e D. Elfried Mosig. O publico aplaude-as longamente. D. Margarida toma a dianteira, dirigindo-se para o meio do rio.

13 h. e 25 m. — Partida dos nadadores. Os primeiros 100 metros são um labirinto de cabeças, braços e pernas. Depois, do pelotão destacam-se Faustino José (25) e Bessone (3). Este vem em *crawl*, estilo que conserva durante cêrca de meio quilometro. Faustino faz elegantemente o seu predilecto *over-arm* para os dois lados, e toma a cabeça do lote. D. Margarida Pala vai já em frente do Arsenal.

13 h. e 50 m. — Vamos em frente da Alfandega. Bessone, que mudou para *trudgeon*, aproxima-se gradualmente de Faustino. Passa á frente.

13 h. e 55 m. — Terreiro do Paço. Bessone leva uns 20 metros de avanço sobre Faustino José. Este desiste. O cortejo de barcos segue, animado e animador.

14 h. e 5 m. — Cais do Sodré. Bessone vai sósinho, num *trudgeon* ritmado, elegante.

14 h. 15 m. — Estamos no enfiamento da Avenida das Côrtes. Quando dizemos estamos, entende-se que Bessone está tambem. A corrida até Belem resumiu-se a Bessone.

A multidão que estava na ponte de Xabregas e que acompanhou a corrida pela muralha fóra até á Alfandega tornejou esta, seguiu pela rua do Arsenal e apareceu-nos na muralha do Aterro, correndo e aplaudindo.

Entre Santos e Alcantara, Bessone abranda, talvez preparando fôrças para a revessa de Belem.

15 h. — Santo Amaro.

15 h. 5 m. — Em frente do largo de Belem. Do barco do juri dizem-nos: «Miguel em segundo; Pinheiro e Basilio, terceiros. A' frente de Bessone D. Margarida e D. Elfried, esta quasi alcançada por Bessone.

15 h. 10 m. — Em frente dos Jeronimos, Bessone passa D. Margarida, que tem feito uma corrida inteligente, aproveitando ao maximo as correntes. Na ocasião da passagem ha morteiros atroadores.

15 h. 15 m. — Doca dos submarinos. Em cima dos molhes ha cachos humanos. Bessone é ovacionadissimo.

15 h. 20 m. — Vamos em frente da Torre de Belem. Hurrahs, vivas, palmas. Mais morteiros. A multidão que vem pela praia é enorme.

Começa a revessa, depois da Torre. Bessone pucha vigorosamente. Quando vem a meio caminho entre a Torre e a meta, chega Miguel á Torre.

A maré está a vasar. A 15 metros da praia, os garotos dos jornais têm pé. Miguel, porém, conserva-se a uns 10 metros da margem. A sua velocidade é enorme, quasi dupla da de Bessone.

O gazolina do juri faz esforços para chegar até ele. Em vão.

Bessone é passado, e ás 15 h. e 37 m. Miguel chega entre a meta (que estava a uns 20 metros da margem) e a praia. Ouve-se um tiro de chegada. Do gazolina do juri acenam violentamente que não.

15 h. 38 m. 3 s. 3/5. — Chega Bessone, que bateu o seu «record» da travessia. As suas primeiras palavras são: «O Miguel vinha em pé, em cima da areia!»

Os restantes concorrentes chegaram pela ordem seguinte: Vieira Clemente (Porto), Basilio dos Santos, Manuel Gomes, Vito Monteiro, D. Margarida Pala, Antonio Penafiel, Antonio Pala, João Rodrigues e D. Elfried Mosig.

Soubemos mais tarde que Miguel fôra desclassificado.

Alguem rematou, com graça:

— «O Alves Miguel não deve ser desclassificado. Correu muito bem... a Maratona».

COMO OS OUTROS NOS VÊEM

CAMBÓ

O ILUSTRE ESTADISTA CATALÃO

fala ao "Diario de Lisboa"

do nosso Parlamento, dos nossos jornais, da nossa politica e dos nossos sentimentos

E' no salão grande do Avenida Palace.

O hotel dorme de alto a baixo, descidas todas as persianas, cerradas as portinhas brancas que dão para os corredores. Toca uma campainha ao fundo, e passa um criado, levando áquele toque *trim, trim*, a bandeja larga do *petit dejeuner*.

O salão tem frio. O sól desta manhã de Setembro ainda não passou das ramagens da Avenida, está ainda muito leve de luz, nas bandeiras das janelas.

Os ultimos ingleses de ontem a noite deixaram nas mesas as ultimas revistas.

Dois *fauteuils* prosseguem lentamente, no mesmo fumo cor de cinza e feito de cinza de tabaco louro, a conversa que ontem ouviram, sobre a guerra que anda acesa lá para o Oriente.

Três figuras, cada uma com o seu interesse, o seu *facies*. Cambó—pequenino, notavel, uns olhos inquietos. Humberto Pelagio, redactor da *Veu de Catalunya* e da *Publicitade* levou ao politico espanhol o primeiro bom dia português; terceira figura—o jornalista.

O yacht *Catalonya*, onde Cambó seguia para o Oriente, teve que arribar a um qualquer porto do norte, para reparar as maquinas.

E' enquanto o navio descansa amarrado ao cais longiquo, Cambó, de automovel, veio passar horas a Lisboa. Já seguiu para o norte, hoje, pelas dez e meia.

O que ele nos disse ha pouco, deitado no *mapple* como num berço, tão pequenino ele é, sobre politica portuguesa é curioso. Ele pregunta; nós respondemos; depois dá-nos o seu pensamento.

A primeira frase de Cambó:

— Os politicos portugueses, na minha opinião, são capazes de enfrontar a crise actual.

— Qualidades?

— Capacidade é uma delas.

— A Republica...

— Tem agora um Parlamento que trabalha. E' dos que tem trabalhado mais, sublinha.

— Refere-se ás propostas de finanças...

— A materia fiscal que saiu de lá é muito interessante.

— Ia quasi a dizer bôa.

— E porque não? O que falta, o que falta, e os seus olhos procuravam a luz do sol que rasgava as vidraças, é uma forte tributação sobre todos os produtos exportados.

— A exportação é um erro...

— Se é! Depois falta-vos aqui tanta coisa. Ha um erro politico...

Os seus olhos pousaram em nós, pousaram em Humberto Pelagio, procuraram outra vez a luz.

— A crise politica portuguesa seria facilmente medicavel, se vocês saissem fóra das constantes lutas politicas. São graves! Mas não admira!

— Porquê?

— Nós, os latinos, adaptamo-nos dificilmente aos regimes republicanos. No norte é mais facil. A França levou um seculo.

— Mas aceitou-o...

— Sim, aceitou-o. Mas lá, como aqui, como em Espanha, o sentimento monarquico vive, manifesta-se. E' o prestigio da realeza, chamemos-lhe assim.

E interroga:

— O actual ministerio? Estavel, não?

Respondêmos. Disse-nos.

— Não admira. A viagem do vosso Presidente facilita-lhe o trabalho.

— O que mais o interessou em Lisboa?

— Encontrar produtos muito baratos, que não estão em relação com a crise economica.

E ante um sorriso que se esboçava:

— Por exemplo, jornais de oito paginas a tostão. E' incrivel. Mas deve haver prejuizo.

Cambó, que não segurava os olhos, deixou-os ir brincar, como duas crianças, para o piano fechado que estava ao fundo. Depois arrependeu-se, sorriu-se; o jornalista e Humberto Pelagio, procuravam aquelas pupilas inquietas.

— O grande problema de momento é o acôrdo economico com o meu país sobre a cortiça... Não era isto que queriam, ao falar-me de relações?

Concordou-se.

— Então completo o meu pensamento: Somos as duas nações de maior produção. A cortiça dá-nos uma realeza economica, acrescentou o politico conservador.

— E ouro, o amôr moderno...

— De sempre... de sempre...

— E parte já?

— Agora mesmo.

— A caminho do Oriente...

Os seus olhos brincavam. Sombras de azas cortavam a luz, lá fóra.

— Voltarei a Lisboa daqui a dois meses. Não será de passagem. Talvez venha conversar. Eu conheço muito Portugal, nomes e terras, politicos e idéas. A estudar se vive...

— A estudar se morre.

Dois abraços. Cambó desaparecera, fatinho verde, pequenino, a rolar as pupilas, a apalpar a barba não fosse ela fugir naquela fuga constante dos seus olhos.

Mulher que aparece morta

No pavimento que dá para a «gare» da estação do Rocio, apareceu esta manhã morta uma mulher edosa, que se suspeita seja a esposa dum fogueiro que ha tempos foi morto por um comboio.

Hoje, pelas 4 horas da tarde, ainda o cadaver ali se encontrava, o que deu motivo a protestos do publico, por ainda não terem comparecido as respectivas autoridades.

Criança atropelada por um automovel

A menor Albertina Flora, quando esta manhã ia visitar sua mãe ao hospital, foi atropelada, na rua do Amparo, á esquina da rua dos Fanqueiros, pelo automovel do sr. Manuel Pereira da Silva.

Ficou com os pés esmagados, dando entrada na sala de observações do hospital de S. José.

Um incendio na Junqueira

Na calçada da Boa-Hora, 5, á Junqueira, estalou hoje um violento incendio, na residencia dos srs. José Froes e Alfredo Pires.

O fogo que começou num palheiro, em breve se comunicou ao primeiro andar, trabalhando o material de incendios na sua extinção.

O cabo Antonio Maria

Ainda não está resolvida a situação do cabo Antonio Maria, que contínua preso num calabouço do governo civil, sendo durante o dia de hoje muito visitado por amigos pessoais e politicos e por varios representantes das juntas de freguezia.

Obesidade — Artristismo
Mecanoterapia — Banhos de luz
ESTORIL-TERMAS

Os Teatros

Recita de Clara Baptista

Realisa-se hoje, no teatro Maria Victoria, no Parque Mayer, a festa artistica da gentilissima actriz Clara Bap-

Clara Baptista

tista, cujo programa, brilhante a todos os titulos e por nós já publicado, levará duas grandes enchentes ao simpatico teatro.

Atrás do reposteiro

Por motivos que desconhecemos, o actor comico Carlos Leal mostra-se irredutivel em não fazer os papeis que creou na revista «Tic-Tac», cuja «reprise» está anunciada para breve. O mesmo artista tem no prelo o seu terceiro livro sobre coisas de teatro, prometendo curiosas e interessantes revelações.

— A Companhia de Circo contratada para o Coliseu dos Recreios pelo empresario Ricardo Covões, oferece um encargo de 3.200 pesetas diarias.

— Saiu publicado no «Diario do Governo» o despacho exonerando, a seu pedido, a actriz Irene Grave, da societaria do Teatro Nacional Almeida Garrett. Na vaga deixada por esta artista foi nomeada a sua colega Laura Hirsch, precedendo parecer favoravel do Conselho de Arte Teatral.

— A Companhia Otelo de Carvalho está fazendo grande sucesso no Porto com a revista «Piparote», em scena no Nacional, a qual vai ser ampliada com cinco numeros novos.

— A «première» da peça «Cautela com a Fernanda» realisa-se no Politeama, após o regresso a este teatro da Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, que foi inaugurar o novo teatro de Viseu.

— Está finalmente concluido o negocio do teatro da Trindade, cuja reabertura é um facto para muito breve. Falta apenas ultimá-lo por meio da respectiva escritura.

— Adelina Fernandes não pode tomar hoje parte na recita de Clara Baptista, no Maria Victoria, por ter partido inesperadamente para o Porto.

— Em virtude da nova tabela de ordenados dos musicos de teatros, algumas casas de espectaculos vão suprimir, por economia, os respectivos sexteto.

— Começam esta semana os ensaios da companhia de opereta e revista que vai explorar o Aguia de Ouro do Porto, durante o inverno. Para esta companhia foram contractados os artistas Candida Rosa e Alvaro Pereira.

— Anda em «tournée» pela provincia, acompanhado pela «troupe» de «Las Violetas», fazendo sucesso, o actor Tomás Vieira.

— Entre as novidades que a companhia de opereta Armando Vasconcelos apresenta nesta temporada, que se inaugura no dia 1 do proximo mês de outubro, e para a qual está aberta assinatura, figuram quatro originais portugueses. A «Prima Inglesa», de D. José Paulo da Camara Luna de Oliveira, musica de Filipe Duarte; «Zésinha», de Feliciano Santos e Antonio Carneiro, musica de Filipe Duarte; «O Pagem», de Acacio Antunes e Luna de Oliveira, musica de Filipe Duarte, e «Milagre d'Aldeia», de Artur Horta, Raul Leal e Alfredo Gameiro musica de Fernandes Fão.

— A actriz Amelia Perry, a gentil interprete do «Fado da Triste Feira», no Maria Victoria, realiza a sua recita na proxima quinta-feira.

— No Coliseu dos Recreios estreia-se hoje na revista «Pica-pau» a interessante artista Conchita Reis. Tambem reaparece a popular actriz Zulmira Miranda.

— Está doente a bailarina Maria Queiroz, da companhia Antonio de Macedo.

MALAS POSTAIS

Pelo *Britannia* são ámanhã expedidas malas postais para os Açores e New-York, sendo ás 8 horas a ultima tiragem da caixa geral.

POLITEAMA BREVEMENTE
A comedia em 3 aotoz
Cautela com a Fernanda

Camara Municipal de Cascais

Relatorio de contas da Gerencia de 1921

Ex.mo Sr. Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal do Concelho de Cascais:

Após o relatorio circunstanciado das gerencias de 1919 e 1920, por nós iniciadas, publicado em opusculo, no ano passado, que veiu demonstrar quão grande foi o nosso interesse na defesa do Concelho de Cascais e quanto pode a energia e a boa vontade ao serviço de uma sã e honesta administração republicana, vem hoje a vossa Comissão Executiva, sem espirito de vaidade e mais por dedicação patriotica, no cumprimento do seu dever, apresentar as contas da sua gerencia de 1921 (Relatorio economico e financeiro do Municipio), elaboradas pelo seu guarda livros, para que, fazendo-se a sua publicação, elas possam servir de exemplo áqueles que, neste país, têm a seu cargo a missão da administração publica.

As contas elaboradas pelo nosso guarda-livros não necessitam justificação especial, porque elas, só por si, são tão nitidas e tão claras, que não deixam duvidas a ninguem.

Apresentamos aqui os nossos maiores agradecimentos a todos os nossos colaboradores e amigos, que, com um desinteresse inexcedivel, nos prestaram a melhor da sua colaboração, o maior dos bons e sãos conselhos, salutares exemplos de lealdade e amisade, e a maior das dedicações pelos interesses, sempre queridos, do Concelho de Cascais.

Terminamos, fazendo votos para que o ano de 1922 seja para o Municipio de Cascais, como o esperamos, tão prospero como o foi o ano de 1921.

Cascais, 20 de Abril de 1922.

A Comissão Executiva

Lourenço Correia Gomes—Presidente.
Manuel Rodrigues de Lima Jorge—Vice-Presidente.
Joaquim Ferreira Madaleno Junior—Secretario.
Antonio Augusto Lacerda e Melo—Vogal.
Domingos da Silva Carriço—Vogal.

Il.mo Ex.mo Sr. Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal de Cascais:

No desempenho da missão que me foi confiada e seguindo a norma adoptada no ano de 1920, venho submeter á apreciação da Ex.ma Camara o Balanço e Contas relativos á gerencia do tano de 1921.

Fechou o exercicio com um saldo em cofre de *Esc. 60.430$41* e comparando este saldo com os existentes em cofre no fim dos três ultimos anos:

1918	380$63
1919	12.774$68
1920	43.899$12

encontrando-se um aumento em 1921:

Com relação a 1918	60.049$77,6
» » a 1919	47.655$53
» » a 1920	16.531$29

A receita liquida nos três ultimos anos foi:

Em 1918	399.564$31
Em 1919	466.236$32
Em 1920	790.381$28
e tendo sido em 1921 de	1.232.801$83

temos, portanto, um aumento:

Com relação a 1918	833.237$52
» » a 1919	766.563$51
» » a 1920	442.420$55

A despesa dos três ultimos anos foi:

Em 1918	402.430$56
Em 1919	453.844$07
Em 1920	759.256$03
e tendo sido em 1921 de	1.216.270$54

temos, portanto, um aumento:

Com relação a 1918	813.839$98
» » a 1919	762.426$47
» » a 1920	457.014$51

O movimento do Cofre Municipal, em 1921, desdobra-se nas seguintes verbas:

Receita

Receita ordinaria:

Impostos:

Adicionais s| as contribuições do Estado	27.031$65	
Imposto do pescado	20.906$31	
Imposto indirecto s| generos de consumo	57.744$31	
Imposto de matança	9.216$48	
Licenças e contribuições	14.708$70	
Emolumentos	1.973$63	
Multas	402$99	
		132.034$82

Rendimentos dos serviços municipalisados e autonomos:

Limpesa de fossas	9.787$09	
Aguas (venda)	21.470$09	
Mercados	8.675$90	
Venda de carnes	833.093$33	
Venda de couros e miudesas	133.355$42	
Cemiterios	1.278$00	
Lavadouros	247$87	
Jardins	8$37	
Limpesa (residuos)	566$40	
Armazem de materiais	32.202$93	
Oficinas	26.910$97	1.067.556$43

Rendimentos de bens proprios:

Dominios directos	872$37	
Predios	35$40	
		907$77
		1.200.499$02

Concessionarios da Camara:

Emp. Reunidas das Aguas de V. de Cavalos e Parede	3.000$00

Receitas diversas:

Diversas origens	3.086$02
Plantas topograficas	355$00
Registo Civil	29$26
Aferições	9.62$02
	4.432$30
Armazem de materiais — c| 1920	473$22
Oficina de serralheria — c| 1920	1.867$21
Oficina d'Aguas	1.864$30

Receita extraordinaria

Fundos especiais:

Fundo especial de caça	252$00	
Cofre de S. a naufragos	284$53	
Fundo d'Assistencia	20.129$25	20.665$78
		1.232$801$83
Saldo do ano de 1920		43.899$12
Total		1.276.700$95

Despesa

Secretaria da Camara		20.143$58
Repartição d'Impostos		17.406$36
Saude Publica		4.158$53
Administração do Concelho		12.009$30
Assistencia e beneficencia		646$00
Instrução		4.925$05
Serviços Municipalisados e Autonomos:		
Matadouro Municipal	7.535$48	
Abastecimento de carnes	884.411$35	
Aguas (na Vila e fora)	50.221$36	
Serralheria	4.965$95	
Jardins	10.198$67	
Mercados	3.045$52	
Cemiterios	2.286$98	
Limpesa e Regas	38.558$69	
Limpesa de Fossas	19.481$44	
Armazem de materiais	24.353$66	1.045.059$10
Obras Municipais		51.123$13
Iluminação publica		2.744$11
Repartições publicas		853$17
Serviço de Incendios		849$96
Contencioso		1.360.88
Recenseamento e estatisticas		1.082$79
Aposentados		1.378$180
Fundos especiais:		
Fundo de Socorros a Naufragos	340$23	
Fundo d'Assistencia	13.032$94	
Fundo especial de caça	250$00	13.613$17
Construção do Novo Hospital e Asilos		1.251$00
Encargos diversos		3.205$46
Fornecedores c| 1922		1.488$43
Serviços Municipalisados e Autonomos c| 1920		1.204$73
Gerencias findas c| liquidação		2.043$19
Monumentos aos mortos da Guerra e de infanteria 19		2.000$00
Aquisição de terrenos e poço em Carcavelos		13.076$80
Serviços extraordinarios com o recenseamento eleitoral		120$00
Tone automovel		11.527$06
		1.216.270$54

Resumo

Saldo de 1920	43.899$12	
Receita arrecadada em 1921	1.232.801$83	1.276.700$95
Despesa realisada em 1921		1.216.270$54
Saldo em 31 de dezembro de 1921		60.430$41

Os resultados do ano, no que respeita aos serviços Municipalisados, foram os seguintes:

Limpesa de Fossas

Receita:

Cobrado de diversos		9.787$09
Despesa:		
Vencimento á encarregada do serviço	432$00	
Ferias ao pessoal assalariado	860$05	
Rações para o gado, palha, feno, etc.	8.217$61	
Material e concerto da Tone	1.201$00	
Ferragens, seguro, despezas diversas	1.529$88	
Compra de 2 bois	2.000$00	
Aos herdeiros de Vasconcelos e Sá	240$00	19.481$44
		9.694$35
Abatendo a importancia relativa ao custo de 2 bois, visto este constituir um valor activo		2.000$00
		7.694$35
A liquidar em 1922 com a oficina de serralheria por trabalhos executados		27$16
Deficit		7.721$51

Venda de aguas

Receita		21.470$09
Despesa:		
Vencimento ao cobrador leitor e percentagem ao mesmo		1.894$70
Rendimento		19.575$39

Aguas e canalisações particulares (na Vila)

Despesa:

Ferias ao pessoal assalariado		3.120$22
Abertura de Valas		4.333$60
Material e mão de obra		24.751$21
Reparações no deposito e chafariz		10.319$42
Electricidade consumida pelo motor		202$40
Exploração de aguas na Serra da Malveira e Analises		3.112$97
		45.839$82
A liquidar em 1922 com a oficina de serralheria		11$95
Idem idem com a oficina de aguas		119$79
Total		45.971$56

Mercados

Receita		8.675$90
Despesa:		
Vencimento ao encarregado da cobrança	540$00	
Percentagem ao mesmo	222$84	
Ao pessoal assalariado	1,153$90	
Despesas de expediente	1.128$78	3.045$52
Rendimento		5.630$38

Matadouro

Receita:

Imposto do Matadouro		9.216$48
Despesa:		
Vencimento ao pessoal	2.879$88	
Ferias ao pessoal assalariado	4.054$54	
Despesas com expediente e limpesa	601$10	7.535$48
Rendimento		1.681$00

Abastecimento de carnes

Receita:

Produto da venda de gado abatido		833.093$33
Despesa:		
Compra de gado	852.922$33	
1|3 do produto liquido da venda de miudezas e couros	31.221$99	
Contribuição industrial, expediente, sal, etc.	267$03	848.411$35
Prejuizo		51.318$02

Este prejuizo foi coberto pela seguinte receita:

Venda de peles e couros	100.571$12	
Venda de miudezas	32.784$30	133.355$42
Saldo		82.037$40
e como ficaram para vender em 31 de Dezembro peles e couros no valor de		11.983$79
Rendimento liq. Esc		94.021$19

Cemiterios

Receita		1.233$06
Despesa:		
Pessoal assalariado	2.115$20	
Material diverso	167$28	
Desp. d'expediente	4$50	2.286$98
Deficit Esc.		1.048$92

Lavadouros

Receita		247$87

Jardins

Receita		8$37
Despesas:		
Vencimento ao jardineiro	1.440$00	
Pessoal assalariado	6.869$70	
Despesas d'arborização	1.888$97	10.198$67
		10.190$30
A liquidar em 1922 com a oficina d'aguas		1$49
Total Esc		10.191$79

Armazens de materiais

Em 31 de Dezembro de 1920 existiam materiais no valor de		8.057$84
Em 1921 adquiriram-se materiais, que com despesas do transporte, vencimento do pessoal, etc., montaram a		24.353$66
Durante o ano de 1921 forneceram-se materiais aos diferentes serviços do municipio na importancia de		32.202$93
Saldo		208$57
Em 31 de Dezembro de 1921 existiam no Armazem materiais no valor de		10.419$30
Foi o lucro levado á c|Fundo de Armazem de Materiais		10.627$87

Oficinas

Oficina de serralharia.

Esta oficina executou durante o ano para os diversos serviços, obras no valor de		3.130$79
Ficaram para liquidar em 1922 pelos seguintes:		
Aguas na vila	11$95	
Limpeza de Fossas	27$10	
Obras municipais	81$14	120$25
Foi a imp. cobrada pela Of. serralharia		3.010$54

Oficina d'Aguas:

Esta oficina executou obras no valor de		27.490$43
Ficaram para liquidar em 1922 pelos seguintes:		
Aguas na vila	119$79	
Jardins	1$49	
Obras	90$29	
Edificios publicos	$86	
Aguas (consumidores)	3.383$57	3.596$00
Foi a imp. cobrada pela of. d'aguas		23.894$43
A percentagem levada á c|Fundo do Melhoramentos das oficinas foi de		2.616$85

* * *

Os fundos especiais ficaram em 31 de Dezembro de 1921 assim constituidos:

Fundo do armazem de materiais:

Em 1920 ficou representado por		859$65
Lucros levados a esta conta em 1921		10.627$87
Ficou representado por		11.487$52

Fundo da caixa de aposentações:

Este fundo acha-se representado por		974$24

Fundo da Caixa de Solidariedade Municpal:

Em 1920 estava representado por		1.640$50
Percentagem levada em 1921 a esta conta		1.394$60
Ficou representado por		3.035$10

Fundo de melhoramentos das oficinas:

Em 1920 estava representado por		393$76
Percentagem levada em 1921 a esta conta		2.616$80
Ficou representado por		3.010$56

Fundo especial de caça:

Em 1920 estava representado por		330$00
Recebeu-se em 1921		252$00
		582$00
Dispendeu-se em 1921		252$00
Ficou representado por		330$00

Fundo de socorros a naufragos:

Em 1920 estava representado por		164$00
Recebeu-se em 1921		284$53
		448$53
Dispendeu-se em 1921		330$23
Ficou representado por		118$30

Fundo de Assistencia:

Em 1920 estava representado por		10.164$31
Recebeu-se durante o ano de 1921		20.129$25
		30.293$56
Dispendeu-se:		
Importancia entregue ao conselho de Assistencia	12.000$00	
Subsidios a pessoas pobres do concelho	1.032$94	13.032$94
Ficou representado por		17.260$62

* * *

A situação economica e financeira da Camara, ao findar a gerencia, era, como se depreende do que acabo de expor, verdadeiramente prospera e desafogada. A prova, porém, desta minha asserção, encontra-se no balanço com que fechou a gerencia do ano de 1921 e que consta das seguintes verbas:

Activo

Cofre municipal:		
Existencia em cofre		60.430$41
Tesoureiro da Camara—c|documentos:		
Documentos para cobrança		26.317$70
Papeis de credito:		
Valor dos papeis de credito pertencentes á Camara		3.066$00
Bens municipais:		
Valor dos mesmos		381.123$80
Mobiliario:		
Valor do mesmo		1.764$84
Materiais, ferramentas, utensilios e contadores:		
Valor dos existentes		92.762$99
Gado:		
Valor do mesmo		5.000$00
Tones:		
Tone adquirida aos herdeiros de V. e Sá	2.000$00	
Tone Automovel	11.527$00	13.527$00
Poço de Carcavelos:		
Valor por que foi adquirido		13.076$80
Municipalização de carnes.		
Valor de peles e couros existentes		11.983$79
Serviços Municipalizados—c|1921:		
Saldo desta conta a liquidar em 1922		3.716$25
		612.769$58

Passivo

Gerencias Findas:		
Saldo desta conta		92.820$09,6
Companhia Geral de Credito Predial Português:		
Saldo em debito por capital e juros		83.740$31,4
Hospitais civis:		
Saldo desta conta		19.840$38
Camara Municipal de Cascais:		
Saldo desta conta		376.434$00
Fundos especiais:		
Fundo do armazem de materiais	1.487$72	
Fundo da Caixa de Solariedade Municipal	3.035$10	
Fundo de melhoramentos das oficinas	3.010$56	
Fundo especial de caça	332$00	
Fundo de Socorros a Naufragos	118$30	
Fundo da Caixa de Aposentações	974$24	
Fundo de Assistencia	17.260$62	36.218$54
Oficina de serralharia c|1921:		
Saldo desta conta a liquidar em 1922		120$25
Oficina de aguas—c|1921:		
Saldo desta conta a liquidar em 1922		3.596$00
		612.769$58

Para fecho das contas do exercicio e depois de transferidas para a conta gerencias findas os saldos das contas—Cofre Municipal, Tesoureiro da Camara—c\|documentos, municipalização de carnes e serviços municipalizados c\|1921, que figuram no activo, e das contas fundos especiais, oficina serralharia c\|1921, oficina de aguas c\|1921, que figuram no passivo, e que, por constituirem receita e despesa a efectivar em 1922, devem constar no primeiro orçamento suplementar, fica o balanço, como segue:

Activo

Papeis de credito	3.066$00
Bens municipais	381.123$80
Mobiliario	1.764$84
Materiais, ferramentas, utensilios e contadores	92.762$99
Gado	5.000$00
Tones	13.527$00
Poço em Carcavelos	13.076$80
	510.321$43

Passivo

Companhia Geral de Credito Predial Português	83.740$31,4
Hospitais Civis	19.840$38
Camara Municipal de Cascais	376.434$00
Gerencias findas	30.506$73,6
	510.321$43

* * *

Ao concluir este meu pequeno relatorio, seja-me permitido consignar neste logar o meu reconhecimento pelas provas de consideração com que a ex.ma camara me tem distinguido, bem como agradecer ao sr. dr. Mota Veiga a valiosa cooperação que me prestou, durante a maior parte do ano em que exerceu as funções de secretario da camara.

Cascais, 3 de abril de 1922.

O Guarda-livros

(a) *Pedro Carlos Nidosi Bahuto*

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

NA ALEMANHA

QUATROCENTAS VEZES MAIS

DO QUE ANTES DA GUERRA CUSTA ACTUALMENTE O PAPEL

A crise da imprensa

BERLIM, 17

A semana passada deixou de publicar-se, nesta capital, um grande numero de jornais e anuncia-se que muitos outros terão em breve a sua suspensão. Nas provincias o desaparecimento de jornais é consideravel e aumenta dia a dia.

Actualmente o papel custa 400 vezes mais do que antes da guerra e o preço dos materiais subiu 600 por cento.

O «Cux-havener Tageblatt», que conta 90 anos de existencia, suspendeu tambem a sua publicação devido á carestia do papel.

Durante o mez de julho, segundo o «Exchange Telegraph», deixaram de publicar-se na Alemanha 144 jornais.

O «Tagliche Rundochan» encontrou-se aqui ha tempos numa situação muito critica. Foi Hugo Stinnes, o grande industrial, quem ajudou a levantar-se tão antigo e acreditado jornal.—*(Diboa.)*

A guerra em Espanha

O ultimo comunicado

MELILA, 18.

Segundo o ultimo comunicado ha relativa calma nas zonas de Tetuão, Ceuta e Larache.

Apenas uma pequena força que fazia a guarda foi hostilisada pelos rebeldes, os quais foram imediatamente rechaçados por tropas de socorro. Os espanhois tiveram um morto e dois feridos e os rebeldes um morto e varios feridos.—(L. A.)

General Silvestre

MADRID, 18.

O *Diario Oficial da Guerra* publica um documento, segundo o qual se dá baixa ao efectivo do exercito ao general Manuel Fernandes Silvestre, desaparecido em julho de 1921, na campanha de Marrocos.—(L. A.)

O CONFLITO DO ORIENTE

As chamas de Smyrna pegarão fogo á Europa?

O EXERCITO KEMALISTA AVANÇA SOBRE CONSTANTINOPLA

Kemal-Pachá faz declarações

A guerra do Oriente assume, neste momento, uma gravidade tal que pode levar novamente a Europa a entrar num conflito armado.

O exercito de Moustaphá-Kemal, depois de ter desbaratado as tropas gregas, avança sôbre Constantinopla, resolvido a tomar pela fôrça, se os aliados não lha quizerem entregar em paz, a antiga capital da Turquia.

Entre os governos de Londres, de Paris e de Roma procura-se descobrir uma solução honrosa para o problema do Oriente, empenhando-se a França por que sejam satisfeitas as justas reclamações dos turcos. Por sua vez, a Inglaterra defende o ponto de vista grego, e a Italia, que não se mostra resolvida a tomar parte, militarmente, na pacificação do Oriente, declarou que se conservará ao lado dos aliados em tudo quanto diga respeito á manutenção da zona neutra dos estreitos.

Kemal-pachá, impacientado com a demora da reunião de uma conferencia onde possa discutir as condições da paz com os gregos e ansioso por recuperar Constantinopla, cabeça e coração do mundo mussulmano, ordenou a ofensiva contra a cidade neutra, que foi já evacuada pela missão militar grega.

O que farão os aliados em face da atitude do comandante das tropas kemalistas, de manifesta desobediencia á letra do tratado de Sèvres?

A Inglaterra convidou já os dominios a enviarem tropas para Constantinopla.

A situação do Oriente, longe de se resolver, complica-se, muda de aspecto e envolve na sua rêde as chancelarias da Europa. Ficará limitada ao dominio das chancelarias?

Ou vai a Europa, novamente, envolver-se num conflito armado, que tem o mesmo local de origem da grande guerra—os Balkans?

* * *

Kemal-pachá, entrevistado por um redactor do *Daily Mail*, declarou:

—Desejo sinceramente a paz. Já não queria fazer esta ultima ofensiva, mas não havia outro meio de convencer os gregos a abandonar a Asia Menor. As fronteiras que nós reivindicamos para a Turquia excluem a Siria e a Mesopotamia, mas compreendem todas as regiões formadas na maioria por turcos. As nossas reivindicações são as mesmas, antes e depois da vitoria, Reclamamos a Asia Menor, a Tracia até ao rio Maritza e Constantinopla. Estamos prontos a dar todas as garantias para a livre passagem dos Dardanelos, que nos comprometemos a não fortificar. Mas é justo que as potencias consintam, sobre as margens do mar de Marmara, o estabelecimento de obras necessarias á protecção de Constantinopla contra qualquer surpresa.

— E se as potencias se recusarem a entregar-lhe Constantinopla? preguntou o jornalista.

Moustapha-Kemal respondeu:

— E' necessario que nós tenhamos a nossa capital, e, nesse caso, ver-me-hei obrigado a marchar sobre Constantinopla com o meu exercito, o que será apenas questão de alguns dias. Preferia obter a posse por meio de negociações amigaveis, mas não poderei esperar indefinidamente...

Moustapha-Kemal declarou-se resolvido a participar numa conferencia de paz, mas se ela não reunir em territorio turco, não será autorizado pelo governo de Angora a afastar-se da Turquia. O chefe nacionalista acrescentou que os turcos querem conservar o Kalifado de Constantinopla, mas que consideram o sultão Mahomed VI como tendo pactuado com os inimigos do país e é provavel que a Assembléa Nacional o deponha.

Ao *Daily Telegraph* o generalissimo turco fez identicas declarações e acrescentou:

— As pilhagens e os assassinios que se cometeram eram inevitaveis. Quando um exercito entra numa cidade, depois de ter percorrido 450 quilometros do seu proprio territorio queimado e devastado, depois de ter visto os seus parentes e os seus amigos massacrados, é dificil ter mão nele; mas nós conseguilo-hemos. Pode afirmar que a ordem será restabelecida a partir de hoje (13 de Setembro). Não queremos actos de vingança. Não estamos aqui para ajustar contas passadas, porque, para nós, o passado é o passado.

Ora em 13 de Setembro ainda não ardia Smyrna, que hoje está reduzida a escombros, no seu bairro europeu.

Terão as chamas de Smyrna o poder de atear o rescaldo da grande guerra?

NA ALEMANHA

O CONGRESSO SOCIALISTA

Á INAUGURAÇÃO ASSISTEM MAIS DE CEM DELEGADOS

MULLER e a politica aliada

AUGSBURGO, 18

Foi inaugurado o congresso do Partido Socialista da Maioria, assistindo mais de 100 delegados estrangeiros, principalmente ingleses.

O antigo chanceler Muller criticou a politica seguida pela «Entente», fez um apelo aos trabalhadores para a defesa da republica e exprimiu a satisfação dos alemães pela presença no congresso dos representantes ingleses, a quem chamou «os melhores auxiliares da Alemanha para se efectivar a revisão do Tratado de Versailles.—**(L. A.)**

Morte do professor Seailles

PARIS, 18

Comunicam de Melun que acaba de falecer o professor Gabriel Seailles, vice-presidente da Liga dos Direitos do Homem.—(L. A.)

RAPOZAS

E toda a classe de peles, curte por processos modernos (qualquer quantidade). Tinge em todos os tons, côres inalteraveis. Limpa com a maxima perfeição. Confecciona e tranforma pelos ultimos modelos. Tinturaria de fazendas. Preparação de mamiferos, aves, cabeças e meias cabeças para tapetes. Trabalhos perfeitos e garantidos. Sociedade Industrial de Cortumes e Peles de Abafo, Ltd. Fabrica em Bemfica. Escritorio, 49, rua das Pretas, 2.º (Esquina da Avenida).

AOS CONSTRUTORES CIVIS E PROPRIETARIOS

V. Ex.ª deseja mandar fazer qualquer trabalho de carpintaria?

Peça orçamentos á Carpintaria Electro Mecanica de

JOSÈ MENDES GARCIA

que se encarrega de todos os trabalhos de Construção Civil, desde o mais modesto ao mais luxuoso.—Portões, Portas, Caixilhos—escadas em todos os generos, etc.

Fornecedores do Estado para a Exposição Internacional do Rio de Janeiro

46, R. DO SECULO, 46

LISBOA

EDEN Teatrc

Telefone N. 3800

46.ª representação da sensacional peça

AS DUAS GAROTAS DE PARIS

O maior agrado e entusiasmo

=— SEMPRE ENCHENTES —=

BELAS PRATAS

Faqueiros, serviços, taboleiros, salvas, etc., e grande sortido de objectos para brindes. Descontos aos revendedores

SARAIVA, COSTA & SANTOS, Ltd.ª

OURIVES FABRICANTES

Rua Portas Santo Antão n.º 44

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

Entero colite crónica — Seu tratamento ESTORIL-TERMAS

Temporada de Inverno — **Companhia CREMILDA-CHABY**

NO

TEATRO AVENIDA

Está aberta a assinatura até 20 do corrente para 7 primeiras representações com as seguintes peças: **CAMA, MESA E ROUPA LAVADA,** original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **BONECOS ARTICULADOS,** original brasileiro de Claudio de Sousa; **POLICHE,** de Bataille, tradução de Arnaldo Figueirôa; **AMOR Á ANTIGA,** original do dr. Augusto Castro; **VIDA DE UM RAPAZ GORDO,** original de André Brun; **SER OU NÃO SER,** 3 actos, original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa; **O PARLAPATÃO,** original de Eduardo Schwalbach; **PARIS,** tradução de Mario Duarte

Estrela: Reaparição de CHABY PINHEIRO

Sexta-feira, 29 — Com a primeira representação da peça em 3 actos original de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa **CAMA, MESA E ROUPA LAVADA**

No escritorio da Empreza das 12 ás 17 horas, todos os dias

TEATRO SÃO LUIZ

Hoje, ás 9 da noite

Recitas de despedidas irrevogaveis

COM A FAMOSA

A REVISTA DE PRAXEDES

O maior de todos os exitos da temporada de verão

POLITEAMA — BREVEMENTE — **Companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro**

CAUTELA COM A FERNANDA

APOLO Tel. N. 4129

HOJE

NOITE DE ALEGRIA com a famosa revista fantasia — SUCESSO INEGUALAVEL

BELO SEXO

NUMEROS REPETIDOS

entre outros: A Moda, por Deolinda Sayal e Candida Rosa — A Meia de Seda, por Lina Demoel — O Fado do Forma Torta, por Soares Correia e Santos Carvalho

Espectaculo deslumbrante — A seguir, para reaparição de Julieta Soares a fantasia, genero revista, CIGARRO BREGEIRO

UMA PAGINA DE EVOCAÇÃO

A CHEGADA

do "Fairey 17" á baía da Guanabara

A fisionomia do Rio de Janeiro é na rua, nos cafés, nos cinemas -- Os vendedores ambulantes

(Continuação da 3.ª pagina)

E fiz-lhe depois uma prelecção sôbre a alma das cidades, que eu tinha lido não sei onde, e que é como a alma de certas mulheres cheia de caprichos, de sonhos e de quimeras.

* * *

«Mas se por toda parte eu não ouço falar senão de Portugal, das azas brancas de Portugal, dos aviadores de Portugal e até dos politicos portugueses, como não hei-de vêr o Rio de Janeiro com olhos tambem portugueses!?

Ha, pelo menos, dez cinemas que levam ao mesmo tempo o *film* da chegada do *Fairey 17* á Guanabara. E a concorrencia não diminue, é sempre a mesma e sempre enorme. Em frente das bilheteiras, acotovela-se gente, pisam-se calos, rogam-se pragas a quem chegou mais cedo, atropela-se o regulamento da policia, só para não ficar sem bilhete.

Ha retratos dos aviadores por toda a parte: nas montras, nos jornais, nas revistas, nos cartazes dos teatros, em bilhete postal, em bandeiras, em alfinetes de gravata, em rosetas para usar na lapela e até em caixas de charutos de seis mil réis a duzia.

Uma casa de maquinas de escrever exibe na montra uma miniatura do *Fairey* 17, a fazer um *looping-loop* constante, interminavel, neurastenisador.

As crianças de tenra idade, que mal sabem pronunciar *papai* e *mamãe*, já aprenderam a dizer *Sacadura* e *Coutinho*.

Nos cafés, nas cervejarias, nos restaurantes, nos teatros, nas casas elegantes onde se passa o tempo flirtando e tomando chá, toda a gente segue com um interesse morbido, doente, os mais pequenos detalhes da vida dos aviadores. Sacadura foi ontem ao Catete... Sacadura vai hoje ao Lirico... Sacadura vai ámanhã ao *Jockey*... Sacadura fez... Sacadura aconteceu...

Ao subir uma escada, ao descer de um bonde, ao entrar para um *taxi* é vulgar ouvir dizer:

—Espera aí, ó Sacadura, vai devagar,..

Sacadura, neste caso, é sinonimo de velocidade.

Um marinheiro português que passa, entre dois braços amigos, é um Sacadura que se diverte.

—Olha, ali vai um Sacadura...

Os vendedores ambulantes de folhetos e de postais ilustrados, que ha no Rio, como em Lisboa, como em todas as grandes cidades, apregoam, ruidosamente, a toda a hora do dia e da noite:

—Fotografia natural do grande homem... A aguia lusitana por trezentos réis...

Ou então de outra maneira ainda mais pitoresca:

—Olha Sacadura, o grande aviador português... Verdadeiro retrato ilustrado do eminente bandeirante do ar...

Não ha a mais pequena sombra de exagero no que escrevo. Se de alguma forma estas impressões não correspondem á verdade, é porque ficou ainda alguma coisa por dizer.

* * *

«Por isso eu continuo a afirmar que a permanencia dos aviadores portugueses no Rio de Janeiro mudou completamente a fisionomia da cidade.

Por vezes chego a convencer-me de que estou em Lisboa, do outro lado do Atlantico, nestes dias de perturbadora alegria, em que a alma dos nossos avós paira como uma divina benção por sobre a terra maravilhosa do Brasil.

Este rumor de vivas, de aclamações e de palmas, que não se apaga dos meus ouvidos, de dia e de noite, quer durma, quer sonhe, quer esteja acordado — tal qual a toada vulgar de uma canção que toda a gente assobia — este rumor que ouço constantemente no centro da cidade ou em qualquer lado aonde eles cheguem, já faz parte da atmosfera do Rio de Janeiro, como o *tlin-tlin* irritante das campainhas dos bondes e o *tohu-bohu* discreto das buzinas dos automoveis.

Norberto Lopes

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

ATAQUE DE LOUCURA?

UMA TRAGEDIA

num hotel da rua de Santo Antão

Um homem que dispara seis tiros ferindo um policia e é depois assassinado por alguns guardas

Esta tarde, por volta das treze, houve um verdadeiro combate numa hospedaria da rua de Santo Antão. Hotel Macedo se chama, e ha 42 anos que é propriedade de Francisco José da Costa que ali vive com Olivia de Jesus e uma filhinha de 2 anos, Alice Costa.

Pouco depois da tragedia, entrámos lá, Olivia de Jesus, a voz lenta, entrecortada de lamentações, conta a scena. A seu lado, um policia velhote, um alentejano de chapeu de aba larga, José Julio Martins.

—Ontem, por volta das seis horas da tarde, apareceu-me um homem que pediu um quarto para nele dormir. Arranjei-lhe um que depois meu marido me disse estar alugado a este senhor (aponta para o alentejano). O homem entrou e pouco depois pediu-me uma vela.

Chegou o sr. Martins que precisou duns objectos que deixára no quarto. Bati. Veiu em ceroulas, encoberto com a porta, entregar-m'os.

Passou-se a noite normalmente. Esta manhã tive de ir ao dentista. Ao voltar, preguntei á criada, Amelia dos Santos, se o hospede já se levantara. Era meio-dia. Respondeu-me que não. Sobressaltada, preguntei se ele respondia quando batiam. Disse-me que sim. Sosseguei.

Era uma hora, e o meu marido resolveu ir preguntar-lhe o nome para o registo dos hospedes...

* * *

O dono do hotel Macedo, que entra agora, é um homem forte, de altura regular. Vem com seu filho Carlos Costa. Conduz-nos ao segundo andar, ao local da tragedia.

Um corredor. Aqui e ali, sangue, em abundancia. As paredes crivadas de balas.

A narração do que viu.

—Bati á porta. Abriu. Preguntei-lhe o nome. Disse-me e eu fui escrevendo: Francisco Feliciano Rodrigues, de Vilar... Nesta altura sacou da pistola e deu-me um tiro que me roçou pela cabeça... Como estava desarmado, fugi para o primeiro andar...

* * *

Agora a nossa reconstituição da tragedia:

—No corredor, a pequenita de 2 anos. O segundo tiro foi contra ela. Mais dois contra a criada, contra o filho do dono da casa e contra o alentejano.

Felizmente todos erraram o alvo.

Acorreu a policia. O 702, da decima esquadra, Anstnio Rodrigues Pereira, apenas com o sabre, atirou-se-lhe e recebeu logo duas balas no rosto. Ainda ficaram duas no carregador. Porque o 1941 e outros derrubaram-no logo a tiro. Conduzido ao hospital de S. José faleceu pouco depois. O 702 deu entrada na sala das observações,

* * *

Algumas notas curiosas:

—O quarto (chamemos-lhe assim, por eufemismo) é um pequeno cubiculo sem condições algumas. A roupa da cama, revolta, o chão coberto de sangue. Umas botas grossas, de provinciano. Uma jaqueta pobre e um chapeu castanho.

A pistola com que o Feliciano deu os tiros é uma F. N. pequena.

No chão foram encontrados 6 envolucros.

O morto tinha um livro com os seguintes apontamentos: Francisco Feliciano, proprietario, de 36 anos, solteiro, de Vilar, filho de Antonio Feliciano e de Jacinto da Cruz.

Era um homem baixo e fraco. Trazia comsigo 5$350 e um relogio de aço.

Sobre a mesa de cabeceira foi-lhe encontrado um livro:—*Os Misterios do Invisivel* (A noiva de Gibraltar). Só tinha abertas as 8 ultimas paginas...

Tudo parece indicar que o Feliciano teve um ataque de loucura.

TITULOS E COUPONS

NACIONAIS E ESTRANGEIROS

COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos

Compram desde já aos melhores preços

Pancada, Morais & C.ª

Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

O "DIARIO DE LISBOA" encontra-se á venda no Dafundo, na Tabacaria Freire.

O «RAID» LISBOA-RIO

OS AVIADORES

devem ir aos Estados Unidos a bordo dum paquete de carreira

Ainda não está assente se os nossos aviadores irão em visita aos portos da America do Norte a bordo do cruzador «Carvalho Araujo» ou «Republica», mas é provavel que sigam em paquete, e que os referidos cruzadores venham a comboiar o vapor «Porto», quando o sr. presidente da Republica regressar a Lisboa.

Por difamação

Na Boa-Hora foi hoje instaurado um processo de difamação contra o sr. Julio Lourenço Barata, socio da papelaria Palhares, pelo sr. Sebastião de Carvalho Ferreira, comerciante em Lisboa e Africa.

Um vapor espanhol em perigo

CINTRA, 18.—Um T. S. F. de bordo do vapor inglês *Meissonier* diz que está a sete milhas do Cabo da Roca, em perigo, o vapor espanhol *Bigona*, em resultado dum abalroamento.—(H).

Alto Comissario de Marrocos

Alto Comissario

MELILA, 18.

E' aqui esperado o cruzador *Reina Regente*, no qual deve chegar o Alto Comissario da Espanha em Marrocos, general Burguete, a fim de assistir ao centenario de Melila.—(L. A.)

O PROBLEMA DO ORIENTE

A vida dos cristãos

ATHENAS, 18

Os deputados da Tracia ao parlamento helenico dirigiram telegramas aos srs. Lloyd George, Poincaré e presidente Harding, pedindo-lhe que levem os governos dos seus países a tomar medidas para a protecção das vidas e das propriedades dos cristãos daquela região.—(L. A.)

Uma obra de caridade

José Monteiro é um velho trabalhador dos jornais, honesto, cheio de sinceridade e de honra na profissão e no convivio. Ha tempos, a doença impossibilitando-o atirou com ele e com a esposa para a maior das miserias. A situação daquele lar é hoje absolutamente confrangedora; a tal ponto, que seria uma verdadeira obra de caridade prestar-se-lhe qualquer socorro que lhe atenue o sofrimento.

José Monteiro mora na rua do Bemformoso, 100, 4.º, dt.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—Não ha espectaculo.
S. Luis—Ás 21,15 «A Revista de Praxedes»
Politeama—Não ha espectaculo.
Avenida—A's 21,15—«Boa estrela».
Apolo—A's 21,15—«Belo sexo».
Chiado Terrasse—Não ha espectaculo.
Maria Vitoria—A's 21 e ás 23,30—«Lua Nova».
Eden-Teatro—A's 21—«As duas garotas de Paris».
Salão Foz—A's 21,30—Variedades e animatografo.
Coliseu dos Recreios—A's 21—Combate de box.
Circo Royal—Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça)—Ás 21,15—«Valha-nos isso».
Teatro dos Anjos—Ás 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).
Salão da Promotora (Ao Calvario).
Eden Cinema (Alcantara).

TOMÁS BORDALO PINHEIRO

MISSA

D. Cristina de Melo Manuel Bordalo Pinheiro, sua filha, filhos e noras participam a todas as pessoas de familia e das suas relações que ámanhã, 19 do corrente, mandam celebrar uma missa, pelas 11 horas, na igreja de Santos-o-Velho, sufragando a alma do seu saudoso e querido marido, pai e sogro. Desde já agradecem a todas as pessoas que se dignarem comparecer.